

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

KLEBERT VIANA DE CARVALHO

**OS CENÁRIOS DA IGREJA DE VALENÇA DO PIAUÍ CONSTRUÍDOS PELA
ATUAÇÃO DOS SEUS PÁROCOS, DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E DAS
CEBs**

São Leopoldo

2021

KLEBERT VIANA DE CARVALHO

**OS CENÁRIOS DA IGREJA DE VALENÇA DO PIAUÍ CONSTRUÍDOS PELA
ATUAÇÃO DOS SEUS PÁROCOS, DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E DAS
CEBs**

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de Mestre em
Teologia Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia da
América Latina
Linha de Atuação: Teologia Libertadora

Orientador: Dr. Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C331c Carvalho, Kleber Viana de

Os cenários da Igreja de Valença do Piauí construídos pela atuação dos seus párocos, da teologia da libertação e das CEBs/ Klebert Viana de Carvalho ; orientador Wilhelm Wacholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2021.

75 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2021.

1. Centro de Estudos Bíblicos. 2. Teologia da libertação – História. 3. Comunidades eclesiais de base – América Latina. I. Wachholz, Wilhelm, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

KLEBERT VIANA DE CARVALHO

**OS CENÁRIOS DA IGREJA DE VALENÇA DO PIAUÍ CONSTRUÍDOS PELA
ATUAÇÃO DOS SEUS PÁROCOS, DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E DAS
CEBs**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia e
Sociedade
Linha de Atuação: Teologia na América
Latina - Ênfase: Teologia Libertadora

Data de Aprovação: 06 de julho de 2021.

Prof. Dr. Wilhelm Wachholz (Presidente)
Participação por webconferência

Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto (EST)
Participação por webconferência

Prof. Dr. Érico João Hammes (PUCRS)
Participação por webconferência

Dedico este trabalho a todos aqueles e aquelas me apoiaram e incentivaram ao longo deste percurso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos queridos e inesquecíveis amigos da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, que com paciência, suportaram a minha ausência dos trabalhos paroquiais para fazer esse estudo. Agradeço aos meus irmãos de presbitério e colegas de aula Pe. Raniery e Pe. Leonildo, com que compartilhei momentos significativos no percurso acadêmico e a Dom Jacinto, meu bispo e pai amigo pelo apoio incondicional nesta trajetória. Um agradecimento especial à Faculdades EST, que com competência e disciplina, me ajudou a desenvolver melhor minhas capacidades intelectuais. Peço ao bom Deus, que a todos cumule com sua graça e paz.

Meu muito obrigado!

“o que a alma é para o corpo, são os cristãos para o mundo”.

LG 38

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os Cenários da Igreja da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, em Valença do Piauí que foram se desenhando a partir do ano de 1946. Para isso, discorreremos o texto em três capítulos. O primeiro capítulo que tem como título “A cidade e os paróquias em Valença do Piauí”, faz uma narrativa do surgimento desta Cidade, os personagens envolvidos e as circunstâncias que a fizeram chegar à categoria de cidade bem como a atuação de alguns padres a partir de 1946 até 1997, que desenharam os vários cenários da Igreja em Valença. No segundo capítulo, intitulado “A contribuição da teologia da libertação e das CEBs, para o cenário de uma Igreja e comunhão e participação em Valença do Piauí”, esboça a contribuição do trabalho realizado pelos párocos e leigos, sobretudo a partir da década de 1970, para a Igreja de Valença, fazendo-a passar de uma Igreja institucionalizada para uma Igreja mais libertadora, próxima do povo. No terceiro capítulo intitulado “De uma Igreja Sacramental para uma Igreja comunidade de comunidades” procuramos reconhecer a presença de características desse cenário de Igreja já efetivamente instalado na paróquia e identificamos a necessidade de avanços para que a Igreja de Valença se torne ainda mais popular.

Palavras-chave: Valença do Piauí. CEBs. Cenário. Comunidades. Teologia da Libertação.

ABSTRACT

The present work has as its goal to show the scenarios of the Church of the Parish of Our Lady of Ó and Immaculate Conception, in Valença do Piauí, which have been drawn since 1946. For that matter, the text was written in three chapters. The first chapter, entitled "The town and the parishioners in Valença do Piauí", makes a narrative of the emergence of this city, the characters involved and the circumstances that led it to reach the category of city. As well as the work of a few priests since 1946 to 1997, who designed various scenarios of the Church in Valença. The second chapter, entitled "The contribution of the priests of the Theology of Liberation and the Grassroots Ecclesial Communities to the Church of Valença", outlines the contribution of the work carried out by the parish priests and the laity, especially from 1970s on, to the Church of Valença, making it change from an institutionalized church to a more liberating church, closer to the people. In the third chapter, entitled "From a Sacramental Church to a Church community of communities", it was intended to recognize the presence of characteristics of this church scenario already effectively installed in the parish and to identify the need of advances so that the Church in Valença may become even more popular.

Keywords: Valença. Church. Scenario. Communities. Theology of Liberation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 A CIDADE E A PARÓQUA DE VALENÇA DO PIAUÍ.....	21
2.1 A cidade de Valença	21
2.2 Os paróquios em Valença do Piauí de 1946 a 1997	22
2.2.1 O Paróquio do Pe. Marques (1946-1973)	23
2.2.2 O paróquio de Pe. Nery (1973-1986)	27
2.2.3 O paróquio de Pe. Amadeu (1986-1990)	31
2.2.4 O paróquio do Pe. João Moura (1991).....	34
2.2.5 O paróquio do Pe. Gilberto (1992-1997) e Pe. Adelino (1995-1997)	34
3 A CONTRIBUIÇÃO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E DAS CEBEs PARA O CENÁRIO DE UMA IGREJA COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO EM VALENÇA DO PIAUÍ.....	39
3.1 Desenvolvimento histórico da Teologia da Libertação e das CEBs	39
3.2 Contribuição da Teologia da Libertação e das CEBs para uma Intensificação da vida cristã	42
3.3 Valorização da Bíblia nas comunidades.....	44
3.4 Protagonismo da mulher nas CEBs: Comunidade Tranqueira.....	46
3.5 As celebrações dominicais nas CEBs	51
3.6 Acolhimento da religiosidade popular.....	52
3.7 Dimensão social e as CEBs	55
4 DE UMA PARÓQUIA SACRAMENTAL A UMA IGREJA COMUNIDADE DE COMUNIDADES	58
4.1 Um olhar sobre o modus vivendi das comunidades cristãs primitivas: base para igreja comunidade de comunidades	58
4.2 Comunidade de comunidades: um caminho para a Igreja de Valença	61
4.3 O surgimento da Igreja da Igreja das comunidades na vida paroquial do município de Valença do Piauí	62
4.4 A estrutura eclesiológica da paróquia como rede de comunidades.....	66
4.4.1 Uma Igreja ministerial.....	68
4.4.2 Uma pastoral de inclusão	69
4.5 A mensagem profética da Paróquia como rede de comunidades.....	72
5 CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS.....	79

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar os Cenários da Igreja da Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, em Valença do Piauí que foram se desenhando a partir do ano de 1946 até 1997. A pesquisa tem como base as contribuições que a Teologia da Libertação e as CEBs deram para a formação dos vários cenários na paróquia.

O aggiornamento¹ eclesial sinalizado com força pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) é ainda hoje um imperativo. A Igreja Católica, em face de uma verdadeira época de mudanças, se vê desafiada a mudar a si mesma constantemente, se quiser prosseguir na terra como sinal de salvação e vida plena para todos e todas e cumprir a missão confiada por Jesus.

A partir dos documentos conciliares, especialmente as Constituições Dogmáticas *Lumen Gentium* (LG)² e a constituição pastoral *Gaudium et Spes* (GS)³, temos a base para pensar numa nova maneira de viver nossa vocação eclesial. Neles temos uma autoconsciência de Igreja não mais focada na retranca e anátema, mas sim, na abertura dialógica e na misericórdia. Pela *Lumen Gentium* temos a convicção de que a Igreja como “sacramento universal de salvação” (LG 48) é chamada a partilhar da vida do mundo onde está inserida, pois “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS 1).

E o que atrai especial atenção para o tema aqui trabalhado por nós é a comunidade. Prossegue o documento: “Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para comunicá-la a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história” (GS 1). A Igreja é também convidada a se

¹ “Atualização” em italiano. O termo ficou famoso a partir do concílio por expressar a necessidade da Igreja Católica de abertura e mudança das estruturas perante os sinais dos tempos na modernidade.

² Constituição Dogmática sobre a Igreja.

³ Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual.

ver mais como uma rede de comunidades do que com uma instituição rigidamente hierarquizada e fundamentada no poder e na burocracia. Sob a guia de Cristo, passo a passo a comunidade eclesial, e dentro dela expressivamente o laicato, aspira a um modelo onde a inclusão, a acolhida e a corresponsabilidade na missão evangelizadora se façam concretamente. A Igreja, como nos aponta o Concílio, não se encontra fora do tempo e do espaço. Está inserida neles. Não é o Reino de Deus, mas está a seu serviço como seta para sinalizá-lo aos homens e mulheres de todos os tempos. Quanto mais a comunidade eclesial se der conta da sua natureza e presença real na história humana, mais ela será de fato sinal de salvação e libertação para os povos. Disto podemos entender a importância da enculturação, desafio proposto pelos padres conciliares no trabalho de difusão da fé, de modo especial na liturgia e missão.

É no meio da sociedade, da cultura, da economia, enfim, das mais diversas dimensões da existência terrena que a Igreja encontra espaço para exercer sua missão de canal visível da graça invisível de Deus, que nos chama a partilhar de sua vida através de seu Filho Jesus, o Salvador do mundo. O Concílio “tem, portanto, diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja, a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive; esse mundo que é teatro da história da humanidade, marcado pelo seu engenho, pelas suas derrotas e vitórias” (GS 2). Assim a Igreja faz seu percurso: se percebendo e se reformando ad intra e ad extra. É nessa perspectiva que o presente trabalho analisa os cenários da Igreja no município de Valença (PI), pertencente à Arquidiocese de Teresina, e a sua tomada de consciência progressiva quanto à mudança estrutural que atendessem às diversas necessidades e questionamentos humanos em seus períodos históricos e contextos específicos.

Lançaremos um breve olhar sobre a história de Valença do Piauí a partir do séc. XVIII, para nos situar melhor dentro do recorte histórico desta pesquisa, mais precisamente dos anos de 1946 a 1997. Ao mesmo tempo apresentaremos as mudanças concretas ocorridas no interior da comunidade paroquial ao longo destes anos. Para essa mudança, muito colaboraram os presbíteros que por lá assumiram o paróquiato, com seus esforços e meios disponíveis à época de cada um. Ao longo da caminhada da Paróquia Nossa Senhora do Ó e Conceição de Valença percebemos o rosto de uma igreja local que segue os passos em busca da autorrenovação, em vista da promoção do Reino já aqui na terra, mas que ainda virá

em sua plenitude. Uma igreja que se esforça por ser cada vez mais Povo de Deus em mutirão a serviço, não uma igreja fechada em suas seguranças e estruturas obsoletas que já não respondem as questões atuais.

E para alcançar esse rosto novo e adequado às demandas da atualidade, além da doutrina conciliar tomamos por diretrizes a Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base, o Documento de Aparecida, as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, entre outras fontes, para refletir e traçar caminhos de atualização da Igreja para que ela alcance um perfil de comunidade de comunidades, uma verdadeira rede de comunhão onde todos os ministérios e estruturas estejam unidos e voltados para o mesmo objetivo de amar e servir a todos sem distinção, promovendo a justiça e o bem comum na luta por um mundo mais fraterno e onde cada um se sinta em casa, numa verdadeira família.

Esta pesquisa tem sua metodologia uma revisão de literatura sobre o tema proposto, investigação documental nos livros da paróquia. A pesquisa está estruturada em três capítulos.

O primeiro capítulo tem como objetivo demonstrar o desenvolvimento histórico da cidade de Valença do Piauí, seu desenvolvimento social, religioso, a implantação da paróquia Nossa Senhora do Ó e Conceição, a missão dos padres que por lá desenvolveram suas funções eclesiais e como cada cenário aos poucos se desenhava.

O segundo capítulo tem como objetivo analisar a contribuição que a Teologia da Libertação e as CEBs deram para o cenário religioso de uma igreja participativa e de comunhão da paróquia de Valença do Piauí.

O terceiro capítulo tem como proposta, a compreensão das comunidades a partir das visões eclesiais desde Pe. Marques até Pe. Gilberto. No continuum da história, vimos na Igreja, que a seu tempo era sacramental, centralizada na figura do pároco e que foi pouco a pouco, ganhando novos contornos onde, a partir do Pe. Nery e dos leigos de Valença houve uma grande renovação do *modus vivendi* da paróquia antes, mais centrada em si, numa visão ad intra e em seguida, um olhar mais alargado torna-se ad extra, como era a proposta do Concílio Vaticano II.

2 A CIDADE E A PARÓQUA DE VALENÇA DO PIAUÍ

Este capítulo tem como objetivo analisar o processo histórico e o desenvolvimento da cidade de Valença do Piauí, no seu aspecto social e religioso, destacando a existência da paróquia e os padres que por lá desenvolveram suas funções eclesiais.

2.1 A cidade de Valença

A cidade de Valença do Piauí⁴ tem uma importância histórica no Estado. Inicialmente uma aldeia de índios e foi posteriormente dominada pelos bandeirantes paulistas, entre eles, Domingos Jorge Velho⁵ que se instalou às margens do rio caatinguinha para desenvolver ali atividades agropecuárias. Com o passar dos anos, tendo a região chegado a um desenvolvimento considerável economicamente, o povoamento foi elevado à categoria de Vila pelo então governador da Capitania do Piauí, João Pereira Caldas.

Em 1759 João Pereira Caldas tomou posse como primeiro Governador da Capitania do Piauí, tendo como incumbência principal, instalar a Capitania real do Piauí e organizar sua administração. Por força da Carta Régia de 19 de junho de 1761, criou vilas em cada uma das freguesias já existentes no Piauí. Entre as municipalidades estabelecidas pelo governador Pereira Caldas está a de Valença, cuja a instalação presidiu em 20 de setembro de 1762 elevando então a sede da Freguesia de Nossa Senhora do Ó da Caatinguinha à categoria de Vila, a sexta por ele fundada.⁶

Como se vê, ainda no regime do padroado, ao mesmo tempo em que se eleva o aldeamento à categoria de Vila, dá-se também a ereção da paróquia, no decreto régio denominada de Freguesia. Porém, já muito antes se sabe da

⁴ “Valença do Piauí, inclusa na microrregião de igual nome, situa-se na região Centro-Norte do Estado do Piauí, a cerca de 210 km ao sul da capital, com acesso principal através da BR-316”. As coordenadas geográficas da sede são: 6° 24’02” LAT-SUL e 41° 44’ 55” LONG-OESTE. Os limites municipais são: Aroazes (Norte-Nordeste); Pimemteiras (Nordeste); Lagoa do Sítio (Leste); Inhuma (Sul); Novo Oriente e Elesbão Veloso (Oeste). O clima do município é do tipo tropical semiárido, quente, com estação seca de sete a oito meses. A temperatura máxima é de 35°C, a mínima 26°C. a média anual é de 29°C. A precipitação pluviométrica média anual é de 1.103mm. a vegetação é característica de zonas de transição, com campo cerrado, caatinga arbórea e caatinga abustiva”. COUTINHO, Reinaldo. **Antiguidades Valencianas**. Impressões de Viagens. 1 ed. Timom: Expansão, 2000. p. 13.

⁵ FREITAS, Gilberto. **Paróquia de nossa Senhora do Ó e Conceição**. História de um Povo e sua Fé. [s. l.]: [s. e.], 1997. p. 15.

⁶ QUEIROGA, Sônia Maria Dantas Bonfim. **Revivendo Valença**. [s. e.]:Valença do Piauí. 2019. p. 23.

passagem na região de padres realizando sacramentos como missa, batizado e casamento:

O arquivo paroquial da Mocha (Oeiras) aponta a fazenda Lagoa Seca encravada no Vale do Caatinguinha a ser ponto de desobriga desde 1721, tendo como sacerdote visitante o Frei Manoel da Costa Carvalho e em 1725 o Pe. Miguel Araújo batizou, celebrou e fez casamento nesta localidade, e o Pe. José das Neves em 1730 prestou seus serviços sacerdotais na Capela de N. Sra. do Ó da Lagoa Seca (no Caatinguinha), a Igreja só veio ser reconhecida como freguesia (Paróquia) após a de Nossa Sra. Da Conceição dos Aroazes. [...] em 1741 ela recebe o título tão almejado.⁷

A sede paroquial permanecia instalada na missão dos Aroazes, uma antiga redução jesuíta fundada no século XVIII que se localizava a quatro léguas e meia de Valença. Somente em 1836, por força da lei provinciana e em perfeito acordo com o bispo do Maranhão, que tinha a jurisdição eclesiástica do Piauí, é que se dá a transferência da sede paroquial e da residência do padre de Aroazes para a freguesia de Valença.⁸

Ao longo de sua história, a cidade de Valença teve forte influência da Igreja Católica através de seus sacerdotes, sendo impossível desconsiderar essa influência não só na formação religiosa, mas também na formação moral, ética e social dos valencianos.

2.2 Os paroquiatos em Valença do Piauí de 1946 a 1997

Neste tópico, será discorrido o apostolado de alguns padres da história recente de Valença a partir do Pe. Raimundo Marques, passando pelo Pe. Raimundo Nery, Pe. Amadeu, Pe. Antonio Cruz, Pe. João Moura, chegando aos padres Gilberto e Adelino. Veremos os cenários de Igreja forjados por cada sacerdote bem como a contribuição pastoral a partir dos feitos de cada um deles. Mostraremos também como se deu a implementação do Concílio Vaticano II e a contribuição da Teologia da Libertação e das CEBs para tal efetivação e mudança no cenário eclesial de Valença.

⁷ QUEIROGA, 2019, p. 28.

⁸ QUEIROGA, 2019, p. 28.

2.2.1 O Paroquiato do Pe. Marques (1946-1973)

No ano de 1946, chega a Valença do Piauí o reverendíssimo padre Raimundo Nonato de Oliveira Marques⁹, nascido em Barras.¹⁰ Pe. Marques havia sido levado para a cidade de União¹¹ ainda criança. Aos quatorze anos de idade, ingressa no Seminário Menor em Teresina, capital do Piauí, mais precisamente a 30 de dezembro de 1930, e depois segue para Fortaleza-CE para dar continuidade aos seus estudos filosóficos e teológicos sendo ordenado sacerdote a 08 de dezembro de 1940 na Igreja Catedral de Teresina.

Pe. Marques assume a paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição em Valença no dia 10 de março de 1946, para dar continuidade aos trabalhos pastorais já realizados ali até então.

O seu apostolado foi desenvolvido em um contexto pré-Vaticano II, com forte assento nas decisões do Concílio de Trento (1545-1563), em prática naquele tempo. Neste período, predominava uma eclesiologia mais voltada para a instituição¹², baseada, sobretudo, na ideia de igreja como sociedade perfeita. Segundo esta eclesiologia,

A Igreja se entende como e exclusiva portadora da salvação para os homens; atualiza o gesto redentor de Jesus mediante os sacramentos, a liturgia, a mediação bíblica, a organização da paróquia ao redor de tarefas estritamente religioso-sagradas. O papa, o bispo e a estrutura hierárquica da Igreja em geral constituem os eixos organizadores da compreensão da Igreja; ela é essencialmente clerical no sentido de que sem o clero, ordenado no sacramento da ordem, nada de decisivo pode acontecer na

⁹ Neste texto, a partir de então o chamaremos de Pe. Marques assim como era chamado em toda região.

¹⁰ Barras é uma cidade de Estado do Piauí. Os habitantes se chamam barrenses. O município se estende por 1 719,8 km² e contava com 47 066 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 27,4 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Cabeceiras do Piauí, Batalha e Boa Hora, Barras se situa a 58 km a Norte-Oeste de Piripiri a maior cidade nos arredores.

¹¹ União é um município brasileiro do estado do Piauí. Localiza-se a uma latitude 04°35'09" sul e a uma longitude 42°51'51" oeste, estando a uma altitude de 52 metros. O clima do município é tropical e seu bioma segundo dados do IBGE é o Cerrado e Caatinga. O seu relevo são os morros isolados, como o Morro do Urubu e o Morro do Apache Clube. O município possui uma área territorial de 1.173,447 km².

¹² O conceito principal neste modelo é que a Igreja é uma sociedade perfeita, santa e salvadora. Esta concepção vem desde a baixa Idade Média, alcançando na contrarreforma novos elementos, quando os teólogos e canonistas, preocupados com responder aos ataques contra o papado e a hierarquia, acentuaram então precisamente os pontos que os adversários estavam negando. Quis-se explicar o modo de descobrir no que consiste e os limites determinantes da verdadeira Igreja de Jesus. Ela é visível. Sua visibilidade pode resumir-se no papa. São elementos-chave uma explícita profissão exterior de fé e a comunhão dos sacramentos. Os clérigos vigiam pela conservação dos contornos visíveis da Igreja e mantêm os pontos ortodoxos da vida e da fé cristã. MARTINS, José. **Modelos de Igreja**: comunidade de base na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 51.

comunidade. Cultivam-se a tradição, a exatidão das fórmulas ortodoxas oficiais e a fixação canônica jurídica da liturgia com os fiéis.¹³

Destarte, a ação pastoral neste contexto tinha um forte assento na moral, nos bons costumes, na prática das virtudes e a teologia era sempre vigiada pela instituição, ali representada pelo Pe. Marques. A liturgia se desenvolvia com estrito cumprimento de ritos e palavras e a catequese consistia em um espaço de disseminação da fé.

Em sua chegada, a Igreja de Valença “contava com o Apostolado da Oração¹⁴, segundo ele [Pe. Marques] era uma força para a comunidade. Era o apostolado que ministrava a catequese, animava a liturgia e zelava a Igreja”.¹⁵ Em suas pregações, Pe. Marques evidenciava como maiores virtudes de um cristão a obediência, a disciplina e a observância à tradição da igreja. Não dava lugar para questionamentos. Ele, como autoridade eclesiástica, dava todas as respostas e orientava toda e qualquer ação monocraticamente.

Na dimensão eclesial, a paróquia manteve seus trabalhos de modo sacramentalista a partir de uma posição mais hierarquizada sem uma preocupação com os mais pobres, “pois como seu campo de atuação é o campo estritamente sagrado, mostra-se insensível aos problemas humanos que ocorrem fora de seus limites, no mundo e na sociedade”.¹⁶

A comunidade eclesial é perfeitamente identificável — rito do batismo, obediência às leis claras da instituição, ortodoxia de ensino, ligação explícita com a hierarquia. Há uma forte consciência de auto-identidade eclesial; considerável sentido de corpo, até os limites do triunfalismo; grande culto da

¹³ BOFF, Leonardo. **Igreja, Carisma e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 17.

¹⁴ “O Apostolado da Oração nasceu numa casa de estudos da Companhia de Jesus, na França em 1844. O padre Francisco Xavier Guatrelet explicou como orações e sacrifícios poderiam levar preciosíssimo auxílio aos que já trabalham na Seara do Senhor. As ideias propostas deram origem ao Apostolado da Oração, que se tornou conhecido em toda a França e, em seguida, às outras nações”. O padre Henrique Raviere foi o grande organizador do Apostolado da Oração e publicou um livro intitulado “O Apostolado da Oração, Santa liga de corações cristãos unidos ao coração de Jesus”. E em seguida criou uma revista mensal “Mensageiro do Coração de Jesus”. No Brasil, o primeiro centro do Apostolado da Oração foi fundado em 30 de junho de 1867 em Recife. O padre Bartolomeu Taddei em 1871 fundou outros centros em nível diocesano e nacional. Foi nomeado Diretor Nacional e estendeu a todos os estados, de tal forma que o Cardeal D. Sebastião Leme pode afirmar que “o crescimento espiritual do Brasil é obra do Apostolado da Oração”. O Primeiro Congresso Católico Brasileiro foi celebrado em 1900 na Bahia, completado em São Paulo e Rio de Janeiro. Esses Congressos prepararam o caminho para a Ação Católica e Ação Social em nosso país. O Apostolado da Oração revitalizou a prática da Religião tanto individualmente, como nas famílias com a Entronização do quadro ou imagem do Sagrado Coração de Jesus. A consagração do nosso país foi realizada oficialmente por ocasião do 36º Congresso Eucarístico Internacional, celebrado em 1955 no Rio de Janeiro.

¹⁵ FREITAS, 1997, p. 28.

¹⁶ BOFF, 1981, p. 18.

autoridade e dos próprios heróis, os santos. A autoridade é entendida e exercida de modo piramidal. A instituição deve dar frequentes demonstrações de força e poder, prestígio e eficácia. Por isso, o quantitativo tem muita importância.¹⁷

Foi neste cenário, de uma Igreja institucionalizada, que Pe. Marques desenvolveu seu ministério. Sua atividade pastoral basicamente estava restrita ao âmbito urbano e acontecia anualmente, uma visita a todas as comunidades da paróquia, em especial, na festa do padroeiro ou nas desobrigas.¹⁸ A principal atividade era a administração dos sacramentos do batismo, da confissão, assistência aos matrimônios e a celebração da missa. Percebe-se por essa prática uma pastoral, mais centrada no sacramento, nesta visão de igreja as questões sagradas têm precedência, pois, são estas, seu principal campo de atuação. Embora Pe. Marques tenha criado o “Círculo Operário de São Benedito”, em 1949¹⁹, os problemas humanos, as causas sociais estavam praticamente fora dos seus limites; “não existe uma articulação com a realidade do Reino e do mundo, praticamente nesta visão se identifica a Igreja com o Reino, pois é somente nela que se encontra a historização”.²⁰ Era como se a igreja fosse alheia às realidades do mundo, por se entender fora dele, embora estivesse em função dele.

As práticas devocionais, o culto aos santos eram predominantes e foram bastante incentivadas. Neste período, em dezembro de 1950, o Pe. Marques realizou o encontro dos santos da região valenciana na igreja matriz de Nossa Senhora do Ó e Conceição reunindo os padroeiros das cidades de Elesbão Veloso (Santa Teresinha), Pimenteiras (São João Batista), Inhuma (São José), Aroazes (Nossa Senhora da Conceição), São Felix (São Félix de Cantalice) e Santa Cruz Dos Milagres (Santa Cruz dos Milagres).

A atuação do Pe. Marques em Valença do Piauí não se deu somente no campo religioso, mas também na educação. Conhecendo as limitações que vivia o povo valenciano neste quesito, sem haver escolas formais na região, percebeu nesse contexto um horizonte a ser descortinado. Não demorou a levar ao município uma proposta educacional que culminou com a criação do “Ginásio Santo Antonio”.

¹⁷ MARTINS, José. **Modelos de Igreja**: Comunidade eclesial de base na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 53.

¹⁸ O termo “desobriga” está ligado à visita de um sacerdote a alguma comunidade, pois ao fazer a vista canônica ou seja, fazer uma breve catequese ao povo, ouvir as confissões, celebrar missa, casamentos e batizados por ocasião da festa de um padroeiro o padre estava desobrigado de seu compromisso com a comunidade. Pois o vínculo era puramente sacramental.

¹⁹ FREITAS, 1997, p. 28.

²⁰ BOFF, 1981, p. 18.

O Instituto chegou e fez a diferença, atendendo aos anseios das camadas ascendentes do sistema financeiro e o povo sentiu a necessidade de oferecer uma educação melhor para seus filhos. Foi quando movido pelo intenso desejo de melhor servir aos paroquianos, o Pe. Raimundo Nonato de Oliveira Marques tomou a iniciativa da fundação de um estabelecimento educacional em Valença e no dia 1º de dezembro de 1949, ocorreu a reunião no Grupo Escolar Cônego Acilino às 19:00 h para a criação do Ginásio Santo Antonio, organizada pelo professor Madeira. A reunião foi presidida pelo prefeito municipal Eustáquio Portela. Após a abertura solene, foi executado o Hino nacional pela banda de musica local sob a batuta do maestro, Alarico Ramos. Na ocasião usou da palavra o Prof. Antonio Félix de Melo, e outras pessoas da comunidade. Assim estava criado o Ginásio Santo Antônio, e o dia 11 de março de 1950 pode ser considerado um marco importante para o progresso cultural do povo valenciano. O certo que a dicotomia apresentada entre o ser e o conhecer fluiu nos diversos setores da sociedade local, estabelecendo até as mais diversas localidades que hoje formam a região confederada do Vale do Rio Sambito.²¹

Em 19 de dezembro de 1949, recebe do ministério da educação a concessão para o funcionamento legal de sua instituição já em andamento: “o Ginásio Santo Antonio” que no sentimento de todo povo valenciano foi uma das suas grandes obras.

Pe. Marques, conhecedor profundo da realidade da Grande Região Valenciana, fundou aqui seu império educacional e fez da disciplina, do empenho, da responsabilidade e, sobretudo do exemplo de dedicação, inteligência e pontualidade sua marca registrada em todos os eventos de cunho sócio-educativo-religioso. A exigência, a rigorosidade disciplinar são entidade agora como reflexo da filosofia educacional da época dentro do contexto sócio-cultural nas primeiras décadas do século XX (1916 a 1940).²²

Pode-se considerar que o grande trabalho social realizado pelo Pe. Marques se deu através do “Ginásio Santo Antonio”. Foi através desta obra que ele conseguiu integrar fé, vida e educação. Embora sendo uma escola particular, o que limitava o acesso atendendo somente às famílias de mais posses, significou um divisor de águas na educação de Valença, pois, a partir desta proposta educacional, foi possível àquele povo galgar uma melhor posição social possibilitada pelo conhecimento.

Depois de alguns anos, Valença começou a se destacar pelo crescimento humano, religioso e intelectual dos seus filhos. Como fruto desse trabalho temos hoje várias personalidades nos meios eclesiástico, político e educacional, graças ao esforço, disciplina e determinação de Pe. Marques.²³

²¹ BLOG UESA EDUCAR. **História do Colégio Santo Antônio**. Disponível em: <<http://uesaeducar.blogspot.com/2011/02/historico-da-uesa.html?m=1>>. Acesso em: 10 maio 2021.

²² QUEIROGA, 2019, p. 209.

²³ FREITAS, 1997, p. 29-30.

Após 27 anos de dedicação à paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, Pe. Marques deixa a administração e os trabalhos pastorais da paróquia e permanece residente na cidade até sua morte.

2.2.2 O *paroquiato* de Pe. Nery (1973-1986)

O Pe. Raimundo Nonato Nery Sobrinho²⁴ é natural de União-PI. No ano de 1955, ingressa no Seminário Menor em Teresina-PI e depois segue para os estudos filosóficos e teológicos em Olinda-PE, sendo ordenado sacerdote em 06 de janeiro de 1968. No dia 11 de março de 1973, chega a Valença do Piauí para assumir os trabalhos paroquiais, sucedendo o Pe. Marques. Pe. Nery encontra na paróquia grupos como Apostolado da Oração, catequese, vicentinos e alguns pontos de missa ao modelo deixado pelo seu antecessor. Porém, começa, no ano seguinte, uma nova forma de evangelização.

Em 1974 deu-se a organização do culto dominical nas sedes dos municípios e em todas as capelas do interior. No mesmo ano, organizou grupos de escoteiros São Benedito e em Novo Oriente com a finalidade de realizar um trabalho com os jovens e as crianças. Ainda no mesmo ano, organiza Comunidades Eclesiais de Base²⁵ em Inhuma²⁶ e Valença.²⁷

A partir daqui começa a ser desenhado outro cenário de Igreja na cidade de Valença, uma Igreja mais voltada para o serviço. Neste modelo de Igreja, sua tarefa principal não é cooptar mais pessoas para o seu seio, aumentando assim o número e sim ajudar a todos os homens e todas as mulheres aonde quer que estivessem, tendo como sua principal competência, conservar viva a esperança e aspiração do ser humano ao Reino de Deus e seus valores.

A Igreja toda é essencialmente comunidade evangelizadora. A palavra implica o suporte da comunidade. Toda ação eclesial exige uma intencionalidade evangelizadora e só se entende em sua orientação e mediação da nova terra, da nova humanidade, à qual todos os homens são chamados. A comunidade eclesial avança com toda a humanidade e

²⁴ A partir daqui será chamado Pe. Nery, assim como em toda a região era conhecido.

²⁵ A partir daqui será abreviado e trataremos de CEBs.

²⁶ Inhuma é uma cidade do Estado do Piauí. Os habitantes se chamam inhumenses. O município se estende por 978,2 km² e contava com 15 308 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 15,6 habitantes por km² no território do município vizinho dos municípios de Ipiranga do Piauí, Lagoa do Sítio e Santana do Piauí, Inhuma se situa a 29 km a Sul-Leste de Valença do Piauí, a maior cidade nos arredores. Situado a 389 metros de altitude, de Inhuma tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 6° 40' 6" Sul, Longitude: 41° 42' 31" Oeste.

²⁷ PARÓQUIA, Nossa Senhora do Ó e Conceição. **Livro Tombo I**. 1944-2003. p. 29.

experimenta a sorte terrena do mundo. Sua razão de ser é a de atuar como fermento e como alma da sociedade que deve renovar-se em Cristo e transformar-se em família de Deus (GS 40). Ela é presença original e única de Cristo glorificado. Não se identifica com o mundo (no qual vive, que ama e serve), mas essencialmente com Jesus Cristo (a quem expressa e comunica). A finalidade da Igreja é escatológica e salvífica (GS 40). Sua missão é religiosa (GS 42) e por isso mesmo plenamente humana (GS 11).²⁸

No ano de 1977, é realizado na cidade um curso de relações humanas no trabalho em parceria com o Clube dos Operários de Valença do Piauí – CROVAPI. E, no mesmo ano, foi promovido, pelo Pe. Nery, um debate com as autoridades políticas do município.

Aconteceu um debate com o sr. Prefeito – vereadores e autoridades para juntos estudarmos os rumos administrativos do osso município. Houve muitas idéias. O prefeito se mostrou bastante satisfeito. Queira Deus que ele seja fiel a si mesmo, e procure fazer crescer o bem comum em nosso meio.²⁹

É notória a participação da Igreja na vida do povo, pois, através dessas iniciativas pastorais, a Igreja serviço está sempre mais aberta e presente. Nesse momento a sua ocupação principal não era a doutrinária, litúrgica e disciplinar, mas com temas ligados à vida da sociedade tais como: justiça, participação nos debates e na vida pública e em todas as esferas da sociedade.

O modelo de Igreja-serviço provoca uma conversão exigente e comunitária. Nesta perspectiva, o elemento societário e sacramental da Igreja se redimensiona em vista do maior compromisso com o mundo e adquire uma perspectiva de conscientizar e unir os homens para que tenham eficácia evangélica na luta para a transformação da realidade injusta.³⁰

Esta nova eclesiologia aos poucos vai dando novo vigor missionário à paróquia que, por sua vez, vai sendo a voz dos mais desfavorecidos da comunidade. Em 1978, foi realizado um encontro com os lavradores através de uma parceria da paróquia com o sindicato dos trabalhadores rurais de Valença³¹ e, em 1980, houve um encontro mais abrangente com os trabalhadores rurais de todas as cidades da região valenciana para refletirem sobre fé e política.

Em agosto houve um encontro de lavradores – pastoral rural – C.P.T – comissão pastoral da terra, aqui em Valença do Piauí, nos dias 16,17 e 18. Contamos cm os representantes de Valença, Pimenteiras, Inhuma, Elesbão Veloso, Novo Oriente, Arozés, São Felix, Prata, Francinópolis e Várzea

²⁸ MARTINS, 1977, p. 75.

²⁹ PARÓQUIA, Nossa Senhora do Ó e Conceição. **Livro Tombo I**. 1944-2003. p. 40.

³⁰ MARTINS, 1977, p. 71.

³¹ **Livro Tombo I**. 1944-2003, p. 42.

Grande. Havia um número de aproximado de quarenta lavradores com alguns dirigentes sindicais. O tema estudado: 'fé e política na vida do lavrador'. O tema interessa a todos os participantes, devido a atualidade, e mais ainda porque estamos sofrendo na carne as agruras da ditadura militar de 64, que tem abafado todas as iniciativas políticas do nosso povo. Quero dizer aqui que a Igreja tem sido um baluarte de defesa dos nossos lavradores de todos os rincões do nosso Brasil.³²

A Igreja de Valença, através das iniciativas pastorais do Pe. Nery, foi capaz de diagnosticar a realidade e ser nela uma voz profética do Evangelho como serviço da Palavra, comprometendo-se com os mais pobres e marginalizados, fazendo-os tomar consciência da sua realidade negativa de modo que, unidos, pudessem libertar-se. Os leigos mesmos iam assumindo o seu destino tendo sido dado início com os círculos bíblicos e a criação das CEBs que tinha como tarefa interpretar a fé à luz da Palavra de Deus e da realidade, preparar as celebrações litúrgicas e os sacramentos até chegar a uma maturidade capaz de fazê-los aprofundar a sua realidade e se dar conta dos problemas nos quais estão envolvidos.

A grande maioria assimilou o Vaticano II e fez a virada que se exigia em termos de mentalidade teológica (teoria) e de presença no mundo (prática). A Igreja se libertou de uma carga tradicional que a tornava pouco simpática ao homem moderno e conseguiu elaborar uma nova codificação da fé que respondesse ao espírito crítico do homem urbano, assimilado dentro do processo produtivo capitalista.³³

Neste período houve um protagonismo muito intenso dos leigos, pois a ação pastoral do Pe. Nery era bem alinhada ao novo modelo de igreja pregado pelo Concílio Vaticano II. O Concílio Vaticano II entendia a Igreja como "Povo de Deus". Esta eclesiologia era mais horizontalizada e compreendia o leigo como um ser chamado a se tornar igreja nos lugares e nas circunstâncias que só eles podem estar sendo sal e luz. Assim expressa a *Lumen Gentium*.

Por conseguinte, mesmo quando se ocupam com as tarefas temporais, os leigos podem e devem exercer preciosa ação para evangelizar o mundo. Porque se já alguns deles, na falta de ministros sacros, ou estando os mesmos impedidos no regime de perseguição, suprem na medida do possível os ofícios sacros; e se muitos dentre eles dedicam todas as suas forças ao labor apostólico: todos, contudo, devem cooperar na dilatação e incremento do Reino de Cristo no mundo.³⁴

³² Livro Tombo I. 1944-2003, p. 50.

³³ BOFF, 1981, p. 22.

³⁴ KLOPPENBURG, Frei Boaventura; VIER, Frei Frederico. Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações. **Constituição dogmática Lumen Gentium** (LG 35). Petrópolis: Vozes, 2000. p. 82.

No ano de 1981, foi festejado com muito entusiasmo o dia do trabalho. Houve uma grande concentração de trabalhadores rurais de Valença bem como a presença da Comissão Pastoral da Terra (CPT).³⁵ Na oportunidade houve um ato de solidariedade a alguns dirigentes sindicais que estavam sendo ameaçados e processados por estarem em defesa dos trabalhadores. As principais exigências foram: a liberdade para os sindicatos, reforma agrária e salário justo. Nesta oportunidade se pode ver a força do povo e a Igreja solidária com os mais pobres.³⁶

Um outro marco no trabalho pastoral do Pe. Nery foi a criação do Centro de Educação Popular de Valença (CEPAVA). Essa entidade foi criada no dia 08 de fevereiro de 1986 e tinha como finalidade animar os trabalhadores da região valenciana, em especial, os trabalhadores do campo, como os sindicatos rurais, CEBs, CPT entre outros. Em sua práxis pastoral, pode-se ver a orientação teológica que embasava a prática pastoral de Pe. Nery, a saber: a teologia da libertação, pois seu foco não estava só numa libertação do pecado, do qual sempre devemos lutar para nos libertar, mas trata-se de uma libertação das estruturas históricas que aprisionam o ser humano, como afirma Boff:

Não se trata apenas de uma libertação do pecado (do qual sempre devemos nos libertar), mas de uma libertação que também possui dimensões históricas (econômicas, políticas e culturais). A fé cristã visa diretamente à libertação derradeira e à liberdade dos filhos de Deus no Reino, mas inclui também as libertações históricas como forma de antecipação e conscientização da libertação última, só possível no termo da história em Deus.³⁷

Em sua sensibilidade pastoral, o Pe. Nery faz uma referência à festa de São Benedito, cuja imagem está abrigada na igreja e tem seu nome. Segundo Pe. Nery a festa é muito simples e o santo tem a marca de santo desprezado por ser negro e pobre, inclusive seu templo é marcado pelo desprezo e vê nessa festa um ponto de partida para um trabalho válido com o povo pobre e os negros da cidade.³⁸ Outro aceno foi dado ao ecumenismo quando Pe. Nery faz referência ao convite que recebeu do pastor da Assembleia de Deus para a inauguração do seu templo em cujo evento o padre se fez presente no dia 23 de novembro de 1979.

³⁵ A Comissão pastoral da terra nasceu do “Encontro de Pastoral da Amazônia”, realizado no mês de junho de 1975. Sua missão foi definida a partir das necessidades da região, ameaçados em relação ao seu direito à terra, vítimas de toda forma de violência. Havia notícias de massacres de posseiros, mas ninguém dava conta de confirmar. Cf. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A missão da Pastoral social. Brasília, edições CNBB. 2008. p. 15.

³⁶ **Livro Tombo I**, 1944-2003, p. 52.

³⁷ BOFF, 1981, p. 24.

³⁸ **Livro Tombo I**, 1944-2003, p. 33.

O rosto da Igreja de Valença durante os treze anos da presença do Pe. Nery foi decididamente marcado pela “opção preferencial pelos pobres”. A sua formação filosófica e teológica e a sua atuação pastoral logo após o Concílio Vaticano II (1965) bem como as conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979) foi ao lado dos mais pobres e marginalizados. Protagonizou uma Igreja servidora, fê-la peregrina e pobre. Uma Igreja que viveu para salvar o povo, para ajudar aos mais frágeis, visando a sua salvação integral. Segundo Martins.

Ao mesmo tempo que integra novos membros na comunidade eclesial, procura-se também “recuperar” os membros existentes, dando-lhes a oportunidade de realizar com essa experiência de comunhão e missão, sem triunfalismos, sem complexos de inferioridade, mas de modo imediato, forte, comunitário, perseverante, posto que pobre, limitado, com altos e baixos, avanços e retrocessos, como é comum na história de uma comunidade pobre e pecadora como a Igreja.³⁹

Com este cenário, a igreja libertou-se da sua carga tradicional que a tornava, naquele momento histórico menos simpática ao cidadão valenciano e conseguiu elaborar uma nova codificação de fé que respondesse melhor ao espírito crítico do ser humano. Seu trabalho foi reconhecido por todo povo valenciano pelo então arcebispo de Teresina que em visita pastoral na cidade escreve:

No término desta visita, fica-me a impressão do esforço que se está fazendo para a formação de leigos, conscientes de sua missão na edificação da Igreja de Cristo. Só poderia merecer meu aplauso o interesse do vigário, padre Raimundo Nonato Nery Sobrinho, na formação de catequistas para todos os níveis de ensino, bem como, a assistência pastoral que dá a todas as capelas.⁴⁰

A visita pastoral do arcebispo de Teresina, foi de extrema importância para o povo, para o padre e para ele próprio, que pode constatar em loco, a grandiosa atuação do seu ministro, que o reconheceu como um apóstolo de Cristo.

2.2.3 O paróquiato de Pe. Amadeu (1986-1990)

O Pe. Amadeu Matias Bernardes Filho⁴¹ é natural da região Valenciana, nascido em Pimenteiras⁴² no dia 17 de outubro de 1960. No ano de 1973 mudou-se

³⁹ MARTINS, 1977, p. 77.

⁴⁰ **Livro Tombo I**, 1944-2003, p.31.

⁴¹ A partir de então o chamaremos, no texto de Pe. Amadeu.

⁴² Pimenteiras é uma cidade de Estado do Piauí. Os habitantes se chamam pimenteirenses. O município se estende por 4 563,1 km² e contava com 12 127 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 2,7 habitantes por km² no território do município. Vizinha dos

para Teresina-PI, a fim de estudar em melhores escolas. Em março de 1979, ingressa no Seminário Menor São José, em Teresina, para iniciar sua formação presbiteral. Mudou-se para Fortaleza-CE a fim de iniciar seus estudos filosóficos no ano de 1981 e, no ano seguinte, foi a Roma continuar sua formação acadêmica na universidade Gregoriana. Foi ordenado sacerdote no dia 17 de maio de 1986 por Dom Miguel Fenelon Câmara, então arcebispo de Teresina. No mesmo ano, a 05 de outubro de 1986, foi nomeado para a Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição em Valença tomando posse canônica no mesmo dia.

No início de seu pastoreio frente à paróquia procurou conhecer os trabalhos já realizados, os grupos, pastorais e as CEBs.

Pastoralmente procurou dar continuidade ao processo de animação e formação das comunidades e de seus agentes. Isso se deu através de visitas e cursos ministrados por pessoas da diocese e assessorias vindas de fora, como por exemplo, Pe. Marins e equipe, Pe. Raimundo José, equipe do CEBI, Catequese Diocesana com assessoria de Frei Bernardo Cansi.⁴³

Outra marca do trabalho pastoral de Pe. Amadeu foi a parceria e abertura dada à congregação das Irmãs Mensageiras de Santa Maria. A participação desta congregação feminina em Valença e região trouxe um novo impulso missionário. Foram elas as responsáveis pela catequese, visitas às famílias e o fortalecimento e a criação de novas CEBs. Formam abertas casas de religiosas nas cidades de Novo Oriente, Aroazes e Inhumas, todas pertencentes à paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição.

A partir de então, surgiu grupos de acólitos, grupos de casais, como outras pastorais: batismo, matrimônio, comunicação, a missa o rádio e programa Momento Novo com total apoio da Rádio Confederação Valenciana. Iniciou com CEPAVA um trabalho com as mulheres marginalizadas. No mais procurou manter os serviços religiosos no desejo da descentralização e criação de novas comunidades (cidade e interior). Sua chegada foi também mais um impulso para a caminhada do zonal rural II.⁴⁴

Neste momento, emerge um cenário de igreja que dá um assento à catequese e à pregação como principal fonte de experiência cristã.

A incidência na pastoral desta tendência é notável, pois a codificação da fé se apresenta numa linguagem que fala ao sentido da vida e anima a fé

municípios de Lagoa do Sítio e Aroazes; Pimenteiras se situa a 41 km a Norte-Leste de Valença do Piauí a maior cidade nos arredores. Situado a 279 metros de altitude, de Pimenteiras tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 6° 14' 20" Sul, Longitude: 41° 25' 7" Oeste.

⁴³ FREITAS, 1997, p. 33.

⁴⁴ FREITAS, 1997, p. 33.

como experiência de encontro com Deus (mistagogia). A catequese insere experiências humanas como mediadoras para os mistérios cristãos, a moral atende melhor e faz justiça aos condicionamentos concretos em que se dá a decisão ética, a liturgia assume melhor seu caráter de celebração.⁴⁵

Nesta eclesiologia, a comunidade é construída ao redor da Palavra que está intimamente ligada à doutrina, ao conhecimento e ao ensino. Por isso a catequese, a teologia, a evangelização e o querigma ocupam lugar central.

Neste momento, a paróquia experimenta o surgimento de outras lideranças, o aparecimento de novas CEBs e, por isso, fazia-se necessário investir na formação dos novos agentes de pastoral a fim de ajudá-los a servir melhor às comunidades.

Pois os pastores sagrados sabem perfeitamente quanto os leigos contribuem para o bem de toda a Igreja. Sabem também [os Pastores] que não foram instituídos por Cristo a fim de assumirem sozinhos toda a missão salvífica da Igreja no mundo. Seu preclaro múnus é apascentar de tal forma os fiéis e reconhecer suas atribuições e carismas, que todos, a seu modo, cooperem unanimemente na obra comum.⁴⁶

Deu-se, então, a construção de um centro pastoral interparoquial com a finalidade não só de ter um espaço físico favorável para encontros formativos, mas um espaço de entrosamento e partilha de experiências eclesiais com as demais paróquias da região. Logo se multiplicaram cursos bíblicos e investimentos em recursos pedagógicos, didáticos e espirituais. O surgimento de novas pastorais, grupos, movimentos acenam para a superação do sacramentalismo, dando lugar a uma práxis pastoral que responda melhor aos anseios do povo e à nova conjuntura local.

Neste momento, pela segunda vez na história, fez-se oficialmente um pedido através de relatório para a criação de uma diocese⁴⁷ em Valença do Piauí.⁴⁸

Nesta época, a paróquia teve como colaboradores o Pe. Antonio Cruz (1987-1988) e os diáconos Humberto Coelho, Carlos Sales e Gilberto Freitas (1990) sendo que este último permaneceu como vigário paroquial no segundo semestre do mesmo ano.

Segundo Pe. Gilberto Freitas, o paroquiato de padre Amadeu foi marcado pelo carisma impoluto de um pastor sorridente, abnegado e dedicado à missão a ele confiada sempre acolhendo a todos sem distinção.

⁴⁵ BOFF, 1981, p. 33.

⁴⁶ KLOPPENBURG; VIER, LG 30, 2000, p. 76.

⁴⁷ Uma palavra do **grego** ("dioikesis") passou para o latim ("diocèse") antes de chegar à nossa língua como diocese. Assim se chama o território sobre o qual um bispo tem jurisdição.

⁴⁸ FREITAS, 1997, p. 33.

2.2.4 O paróquiato do Pe. João Moura (1991)

O Pe. João Alves de Moura Filho, nascido a 1º de dezembro de 1935, em Palmeirais-PI, fez seus estudos primários nesta cidade e, ainda jovem, mudou-se para Teresina para dar continuidade aos seus estudos. Ingressou no Seminário Menor “Sagrado Coração de Jesus” no dia 1º de agosto de 1963 com 27 anos de idade, sendo considerado, à época, uma vocação tardia. Após concluir o ginásio nesta instituição, partiu para Fortaleza com a finalidade de cursar o ensino médio e a filosofia no ano de 1963. Após um ano de estudo de filosofia foi logo encaminhado para o curso de teologia. Entre os anos de 1969 a 1970 foi para Camaragibe-PE para uma experiência formativa, nova e única até então que ficou conhecida como “teologia da enxada”.⁴⁹ Esta experiência foi coordenada pelo Pe. José Comblim e tinha como objetivo formar os futuros padres inserindo os seminaristas nas comunidades rurais articulando o binômio fé e vida.

O Pe. Moura Filho chegou a Valença no início do ano de 1991, para desenvolver seu ministério pastoral. Seu pastoreio na cidade foi de curta duração, não chegando a completar doze meses. Não há registros no livro de tomo sobre alguma ação pastoral e nem referência à sua passagem em outras bibliografias. Porém, para constar na cronologia desta pesquisa, julgamos necessário registrar a sua passagem pela paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição.

2.2.5 O paróquiato do Pe. Gilberto (1992-1997) e Pe. Adelino (1995-1997)

No dia 08 de outubro 1958, nasceu, em Barras-PI, Gilberto Costa Freitas. Fez seus estudos primários em sua cidade natal e, em 1977, mudou-se para Teresina para cursar o ensino médio, ingressando no Seminário Menor São José, da arquidiocese de Teresina, no ano de 1982. Cursou filosofia e teologia no “Seminário Maior Sagrado Coração de Jesus” entre anos de 1983 e 1989, sendo ordenado presbítero no dia 02 de junho de 1990, em Teresina, Piauí.

Pe. Gilberto iniciou seu ministério sacerdotal em Valença do Piauí no dia 08 de março de 1992. Neste momento, a paróquia já registrava uma vasta ação

⁴⁹ Este modelo foi influenciado pela teologia da libertação e consistia em um rompimento com a formação convencional dos seminaristas. Estes moravam nas comunidades rurais, viviam do trabalho do campo, experimentavam as mesmas dificuldades das comunidades e sua formação era uma interação entre a vida do campo e a Sagrada Escritura.

pastoral frente às comunidades e os grupos existentes, porém, seu ardor missionário e sua visão eclesial marcadamente pós-conciliar e orientada pelas conferências do CELAM⁵⁰ trouxe à paróquia uma igreja mais presente no campo da formação dos agentes de pastoral, de comunidades e na promoção humana dos menos favorecidos.

Pastoralmente, Pe. Gilberto reestruturou a equipe missionária, grupo de acólitos, liturgia, comunicação, catequese, enfermos, batismo, matrimônio, dízimo, crianças e comunidades rurais. Como novidade tivemos a criação da escola bíblica, associação da imagem peregrina de Schoenstatt, adoração ao SANTÍSSIMO toda sexta-feira, o programa a “Voz das Comunidades”, (AM às 12h30 aos domingos), “Caminhando com Maria Rumo ao Novo Milênio” (FM às 11h30 diariamente), o boletim “ACONTECE”, prestação de contas mensal do movimento financeiro paroquial e formação dos conselhos comunitário em todas as comunidades.⁵¹

Desta forma se desenhava na paróquia, um cenário de uma Igreja da práxis libertadora⁵², cujo eixo estruturante era a opção pelos pobres com sua expressão no contexto valenciano daquele momento. Esta opção se fundamenta na opção de Jesus e historicamente é sustentada pelos documentos da Igreja, especificamente da Igreja da América Latina em Medellín e Puebla, respaldados na visão renovadora do Concílio Vaticano II.

Apesar de várias construções de pedra, Pe. Gilberto se preocupava mesmo era com a construção do Reino de Deus que se apresenta através de uma pastoral viva e dinâmica, fundamentada na evangélica opção preferencial pelos pobres, que não deixa de ser um critério de fidelidade a Cristo que nos ensinou a prática do amor, da paz e da justiça.⁵³

O enfoque teológico dado nas pregações e nas ações nesta época foi a teologia da libertação e uma eclesiologia de comunhão e participação dos leigos nas ações e decisões paroquiais fazendo-se presente o espírito do Vaticano II.

⁵⁰ CELAM – Conferência Episcopal Latino Americano. É um organismo da Igreja Católica fundado em 1955 pelo Papa Pio XII a pedido dos bispos da América Latina e do Caribe. O CELAM presta serviços de contato, comunhão, formação, pesquisa e reflexão às 22 conferências episcopais que se situam desde o México até o Cabo de Hornos, incluindo o Caribe e as Antilhas. Seus dirigentes são eleitos a cada quatro anos por uma assembleia ordinária que reúne os presidentes das conferências episcopais da América Latina e do Caribe. A sede do CELAM está localizada na cidade de Santa Fé de Bogotá, na Colômbia.

⁵¹ FREITAS, 1997, p. 35.

⁵² A característica principal desta maneira de ser Igreja é a comunidade e fraternidade. Todos são efetivamente irmãos, todos participam, todos assumem seus serviços. Este é o primeiro momento. Depois vem a incipiente estrutura de condução e coordenação. Se todos são, fundamentalmente, iguais, nem todos fazem todas as coisas. Assim existem coordenadores, muitas vezes, mulheres que são responsáveis pela ordem, pela presidência das celebrações e pelo aspecto sacramental da comunidade. BOFF, 1981, p. 200.

⁵³ FREITAS, 1997, p. 36.

A forma comunitária de viver a fé permite a emergência de muitos ministérios leigos. O povo chama simplesmente de serviços que é, efetivamente, o sentido que Paulo dava aos carismas. Todos os serviços são entendidos como dons do Espírito Santo. Há quem sabe visitar e consolar os doentes. Este recebe o encargo de recolher as informações e visita-los. Outros alfabetizam, outros conscientizam sobre os direitos humanos, as leis trabalhistas, outros preparam as crianças para os sacramentos, outros cuidam dos problemas familiares, etc.⁵⁴

Assim, todas as ações eram vistas a partir da dialética de opressão e libertação. A Igreja ficou ao lado dos mais pobres escutando-os e oferecendo-lhes a voz. Houve uma ênfase muito grande nos trabalhos sociais, entre os quais se destaca a pastoral da mulher marginalizada, já existente em épocas anteriores, mas que ganhou novo impulso tendo com foco as prostitutas que viviam nos prostíbulos da cidade. A Igreja não ficou alheia ao cotidiano da cidade e, à luz da palavra de Deus, procurava-se integrar fé e vida inspirando aos cristãos a participarem da construção do projeto político por acreditar que a dimensão do Reino começa aqui na terra.

Pe. Gilberto e padre Adelino começaram o ano articulando todos os setores pastorais, dando mais ênfase à formação de uma equipe ampliada para trabalhar a CF-96, o qual fraternidade e política, com o lema: Justiça e paz se abraçarão. Devido de vido ser um tema polêmico, principalmente num ano eleitoral, a Igreja abrindo espaço, convidou todas as entidades movimentos, associações e partidos políticos da comunidade, para elaborarem um plano de ação.⁵⁵

Trata-se de uma tentativa, protagonizada pela paróquia, de reunir os seguimentos da sociedade e os partidos políticos para a elaboração de um plano de gestão que comprometesse qualquer um que saísse vitorioso da disputa eleitoral em cumpri-lo. Tal iniciativa sinaliza uma espiritualidade animada pelos valores da partilha, solidariedade justiça que acredita ser valores do Reino. Neste cenário eclesial de Valença do Piauí dos anos da década de 1990, os leigos tiveram um papel decisivo, inclusive com poder de decisão, por isso, nesta época se incentivou muito a criação de conselhos comunitários e os valorizou dando-lhes atribuições deliberativas como é o espírito do Vaticano II;

Assim também os leigos tornam-se valiosos pregoeiros da fé nas coisas a serem esperadas (cf. Heb 11,1), quando intrepidamente com a vida da fé conjugam a profissão da fé. Esta evangelização, isto é, este anunciar de Cristo por um testemunho vivo e pela palavra falada, adquire características

⁵⁴ BOFF, 1981, p. 200-201.

⁵⁵ FREITAS, 1997, p. 38.

específicas e eficácia particular pelo fato de se realizar nas condições comuns do século.⁵⁶

O papel do ministro ordenado era o do animador, de alguém que estava a serviço e não no centro. Foi nesta época, com o protagonismo dos leigos, que sugeriram mais dois trabalhos pastorais de grande importância, a saber: o ecumênico e o trabalho com os encarcerados.

A novidade do projeto foi a criação da equipe de ecumenismo que se reúne todas quarta feira para estudar. Outra iniciativa foi a formação de uma nova equipe para CF-97, que enfocou a problemática social dos encarcerados, provocando assim uma discussão política sobre o lema: “Cristo liberta de todas as prisões” e levando a equipe ao presídio para que junto aos presidiários se pudesse fazer um trabalho.⁵⁷

O Pe. Adelino Rios chega em fevereiro de 1995 à cidade de Valença para colaborar com os trabalhos paroquiais já realizados. Atuou em um espaço antes inexplorado – embora tenha sido feita alguma referência no passado pelo padre Nery – o da inclusão dos negros a partir da inculturação servindo-se de elementos da cultura afro ali encontrados. Foi criado, então, o “Grupo de Negros Axé Libertação” com o intuito de resgatar a história e a cultura do povo negro valenciano a fim de que vivam a sua cidadania com dignidade.

O Pe. Adelino já tendo participar do movimento negro em Teresina incentivou a criação de um grupo aqui em Valença dando continuidade ao seu trabalho. A primeira reunião com este propósito foi realizada com a ajuda dos membros do grupo de Teresina e a partir daí iniciou-se o grupo aqui em Valença. São vários os objetivos deste grupo: 1 – fazer com que as pessoas assumam sua negritude, 2 - resgatar a cultura negra, 3 - desenvolver um processo de conscientização na microrregião de Valença, 4 - criar formas de formação e informação nas comunidades, 5 - desenvolver a arte e a cultura negra. Esse grupo se reúne quinzenalmente no centro pastoral e leva o nome de GRUPO NEGRO AXÉ LIBERTAÇÃO.⁵⁸

Esse grupo teve atuação pastoral reconhecida em toda paróquia não só porque procurou aproximar-se dos marginalizados negros, mas também pelo testemunho de fé dos seus membros, de comunhão com a igreja local, pelo fortalecimento da experiência de comunhão, de missão e do protagonismo nas celebrações litúrgicas com caráter afro, com participação ativa na liturgia com expressões corporais próprias.

⁵⁶ KLOPPENBURG, LG 35, 2000, p. 80.

⁵⁷ FREITAS, 1997, p. 41.

⁵⁸ **Livro Tombo I.** 1944-2003, p. 155V.

Assim se desenvolveu o cenário de uma igreja comunidade de comunidades, aberta, descentralizada, de comunhão e participação em Valença do Piauí na década de 1990. Pode-se afirmar que foi um período marcado por uma Igreja de povo de Deus, como propunha o Concílio Vaticano II, que centrou a sua ação evangelizadora, não nos interesses puramente institucionais, mas no Reino de Deus, superando, assim, aquele modo eclesial de ser tridentino, puramente defensor da doutrina. Viu-se neste período uma Igreja comprometida com os mais pobres, uma igreja à procura dos marginalizados que buscava dar testemunho de pobreza e desprendimento capaz de provocar o surgimento de pequenas comunidades e de uma consciência de justiça social que abarcava as classes sociais.

Quando alguém está passando fome, é desprezado, sofre injustiça, a dignidade e plenitude dos outros homens está questionada. Cristo está sendo oprimido nele (Mt 25, 39s). Há que fazer como Cristo, captar a opressão, sentir e viver sua realidade a partir dos oprimidos, para eliminá-la. No oprimido, o crente encontra a Cristo e, pondo-se a seu serviço, faz presente o amor de Deus.⁵⁹

Analisando a história da igreja de Valença do Piauí entre os anos de 1946 a 1998, pudemos perceber a sua dinamicidade e os diversos cenários construídos através da coordenação dos seus ministros ordenados e dos seus leigos. Vimos que a Igreja é um organismo vivo e que, em cada contexto, assimila os elementos culturais e sociais nos quais está inserida. Por isso, nos vários momentos da história, os trabalhos paroquiais precisaram ser “adequados” a fim de dar respostas aos novos desafios.

⁵⁹ MARTINS, 1977, p. 95.

3 A CONTRIBUIÇÃO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E DAS CEBES PARA O CENÁRIO DE UMA IGREJA COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO EM VALENÇA DO PIAUÍ

Este capítulo tem como objetivo analisar a contribuição que a Teologia da Libertação e as CEBs deram para o cenário religioso de uma igreja participativa e de comunhão da paróquia de Valença do Piauí.

3.1 Desenvolvimento histórico da Teologia da Libertação e das CEBs

A Teologia da Libertação surgiu na América Latina em 1960 na Igreja Católica como uma reflexão das lutas pelos menos favorecidos, trazendo para o debate uma reflexão ante a situação dos excluídos e marginalizados da América Latina. A Teologia da Libertação possibilitou o engajamento dos cristãos de todo o continente, nas lutas e debates sobre o processo de transformação social de superação de injustiças de tal maneira que possibilitasse a satisfação de suas necessidades básicas. Por meio dela, os leigos se tornaram mais ativos e conscientes do seu ser cristão no mundo, pois de forma engajada, tomaram maior consciência do papel social a partir do confronto entre miséria e evangelho. Foi através do laicato consciente, adulto na fé, capaz de dialogar com o mundo que houve uma profunda renovação na eclesiologia da igreja, de modo particular na América Latina. As Comunidades Eclesiais de Base emergiram nesse contexto, com o objetivo de evangelizar e fomentar a participação do leigo na Igreja, descentralização do poder do clero, valorização do aspecto comunitário e o favorecimento de novas iniciativas de participação na Igreja.⁶⁰ A evangelização foi um dos fatores determinantes para a formação das CEBs, como afirmou J. Marins:

O que marcou o início das CEBs na América Latina foi a preocupação de Evangelizar num continente de batizados sem contato permanente, constante, com a vida sacramental, com a Palavra de Deus, e contato comunitário dos batizados entre eles; sem possibilidade de dar sua vida e seu tempo para evangelização dos demais e anunciar a palavra salvadora ao mundo.⁶¹

⁶⁰ TEIXEIRA, F. **A Gênese das CEBs no Brasil**. Elementos explicativos. São Paulo: 1988. p. 60.

⁶¹ MARINS, J. **“Comunidades Eclesiais de Base na América Latina”**. Concilium 4. 20-29.

Com um escopo evangelizador, as CEBs, difundiram-se em todo o Brasil, de modo mais impactante no Nordeste. A paróquia e as comunidades de Valença do Piauí são reflexos de toda essa espiritualidade vivenciada pelo povo nordestino herdada das CEBs.

A Teologia da Libertação e as CEBs trouxeram inovações para dentro da Igreja e uma visão original: a de ter descoberto a íntima conexão que existe entre o Deus da vida, o pobre e a libertação⁶². Refletem o compromisso e a missão evangelizadora diante das injustiças sociais e como o povo deve se organizar nas comunidades.

A Teologia da Libertação é um protesto enérgico a situação que significa: no nível social: opressão coletiva, exclusão e marginalização; no nível humanístico: injustiças e negação da dignidade humana; no nível religioso: pecado social, situação contrária ao desígnio do Criador e a honra a Ele.⁶³

A Teologia da Libertação traz como espiritualidade, a missão profética, solidariedade com a vida humana e a luta pela transformação de uma realidade de morte, para uma realidade de vida plena. Assim, é com a compaixão e escolha pelos menos favorecidos que a Teologia da Libertação tem sua intenção primária de evangelização.

A missão das Comunidades Eclesiais de Base tem como destaque a maneira como a igreja se reinventou após o Concílio Vaticano II. “Hoje em toda periferia da Igreja e do mundo emerge uma nova forma de viver a realidade eclesial: forma comunitária, laical centrada na palavra”.⁶⁴

A reflexão teológica das CEBs tem o destaque importante no olhar para a realidade em que leigos e leigas se encontravam, sendo, pois, possível que as mulheres também realizassem as celebrações que antes só os homens poderiam realizar. É a partir das CEBs que leigos e leigas se fortificam na Igreja, abrindo as portas para um debate mais ativo e consciência de suas realidades. De acordo com Boff⁶⁵, a comunidade eclesial de base é um instrumento mediante o qual a Igreja atinge o povo e o evangeliza.

⁶² LIBÂNIO, J. B; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia:** perfil, enfoques, tarefas. Ed. 4. São Paulo: Loyola, 1996. p. 168.

⁶³ BOFF, Leonardo. “A salvação nas libertações: o sentido teológico das libertações sócio-históricas.” In: **Da libertação:** o sentido teológico das libertações sócio-históricas, por Leonardo Boff e Clodovis Boff, 9-65. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 13.

⁶⁴ BOFF, 2008, p. 12.

⁶⁵ BOFF, 1982, p. 25.

Um dos maiores tesouros trazidos pela renovação Conciliar foi o resgate da Liturgia da Palavra, com sua identidade e força sacramental, sua igual importância e inter-complementaridade com a mesa da Ceia Eucarística como celebração da Aliança e “único ato de culto” (SC 56), oferecendo substancial e abundante alimento para a vida cristã com a riqueza dos Lecionários, com variados e importantes textos da Sagrada Escritura no decorrer do ano litúrgico. Com a recuperação da liturgia da Palavra como parte integrante da celebração cristã, descortina-se uma efetiva participação e valiosa contribuição das mulheres na liturgia como leitoras, salmistas, instrumentistas, animadoras, cantoras, espaço até então marcadamente masculino.⁶⁶

As CEBs permitiram que homens e mulheres não se prendessem às amarras de uma sociedade machista, passando a viverem a missão da comunidade no processo de evangelização. É com as CEBs que as pequenas comunidades têm seu reconhecimento, e é nessas comunidades que a eclesiologia dá espaço para que as mulheres possam exercer seu papel. De acordo com Zavares⁶⁷, “Foram, sobretudo nas Comunidades eclesiais de base, em pequenas comunidades populares e espaços informais, onde o masculino e o feminino se incluem espontaneamente”. Isso fez com que surgissem vários ministérios femininos, dando à Igreja Católica uma nova característica e um entendimento litúrgico mais coerente com a imagem de Deus que a Bíblia nos apresenta.

Com as CEBs os leigos e as leigas se fortaleceram cada vez mais. As tradições populares se tornaram meios para a evangelização e as celebrações da Palavra passaram a ser dirigidas pelos leigos das comunidades. Deu-se a partir disso um processo de descentralização do poder, favorecendo uma maior participação das pessoas nas ações e decisões tomadas na comunidade. Segundo Boff⁶⁸, “há uma nova distribuição do poder na comunidade, muito mais participado, evitando-se toda centralização e dominação a partir de um centro do poder”. Com isso, a Igreja passa a ser mais viva e ela toda passa a ser sacramento da fé.

As CEBs procuram uma espiritualidade na prática da fé tendo como base a comunidade. “O objetivo pastoral das CEBs é que todos na Igreja tenham condições de ser e crescer como gente e desse modo possam assumir seu lugar de cristão, conforme a vocação pessoal na caminhada de libertação do nosso povo”.⁶⁹

⁶⁶ ZAVAREZ, Maria de Lourdes. **Celebração da Palavra e protagonismo feminino**. 2016. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1091365/2016/11/celebracao-da-palavra-e-protagonismo-feminino/>>. Acesso em: 28 jul. 2019. p. 1.

⁶⁷ ZAVAREZ, Maria de Lourdes. **Celebração da Palavra e protagonismo feminino**. 2016. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1091365/2016/11/celebracao-da-palavra-e-protagonismo-feminino/>>. Acesso em: 28 jul. 2019. p. 1.

⁶⁸ BOFF, 1982, p. 25.

⁶⁹ LEORATO, 1987, p. 5.

As CEBs têm como características a inserção dos fiéis na comunidade, na maneira como cada um escolhe a vocação a seguir na missão de evangelizar, sendo, pois, importante a maneira como as pessoas se fazem presentes no seio da Igreja e como os fiéis se percebem cada vez mais no processo de evangelizar de forma consciente de suas realidades.

3.2 Contribuição da Teologia da Libertação e das CEBs para uma Intensificação da vida cristã

A partir da atuação dos sacerdotes que passaram por Valença, a partir da década de 1970, as comunidades passaram a se perceber mais ativas na vivência da fé. A oração, que antes era muito restrita àqueles que entendiam um pouco do latim, passou a ser mais encarnada e participativa possibilitando a todos a oportunidade de contribuir com as missas e celebrações da palavra aos domingos.

De acordo com Boff, “a comunidade eclesial de base significa mais que um instrumento mediante o qual a Igreja atinge o povo e o evangeliza. É forma nova e original de se viver a fé cristã, e de se organizar a comunidade ao redor da palavra”.⁷⁰ Com as CEBs, as comunidades intensificaram as orações nas comunidades tornando-as participativas, festivas e alegres. A oração passou a ter um sentido de mais comunitário, unindo a fé e às experiências do cotidiano. O que se observa nas comunidades de Valença é que as CEBs causaram um forte impacto que motivou o processo formativo cristão da paróquia.

Com as CEBs e a Teologia da Libertação os leigos e as leigas fortaleceram as práticas das devoções populares, a evangelização e a celebração da Palavra de Deus. As músicas utilizadas nas celebrações e encontros passaram a ter uma mensagem mais regional sem, no entanto, perder a centralidade da fé. O coral deixou de ser um grupo que canta para os fiéis, e passou a ser um grupo que canta com os fiéis. O espírito de comum unidade tomou o espaço de uma compreensão da fé que era direcionada apenas para a individualidade.

Com essa nova maneira de celebrar a igreja torna-se mais viva, envolvente e consegue atrair mais a atenção das pessoas, assim, as comunidades que antes só abriam as portas de suas capelas para as missas mensais, passaram a celebrar todos os domingos.

⁷⁰ BOFF, 1982, p. 25.

Com as celebrações dominicais nas CEBs, surgiu a necessidade de instruir melhor os leigos, qualificando-os para se tornarem ministros da palavra e conselheiros do povo. Estas formações tinham a duração de um ano, com temas referentes à bíblia, a importância da celebração dominical na comunidade mesmo sem a presença do sacerdote, e sobre os vários ministérios da igreja.

De forma decisiva, as CEBs surgidas com Teologia da Libertação ajudaram o povo de Deus a sentir-se mais integrado à Igreja, forjando um novo modelo de vida comunitária e uma forma de participação ativa das pessoas em suas comunidades. Segundo Moreira,

A formação de comunidades eclesiais de base ampliou as possibilidades das práticas religiosas como a vivência da fé e o culto litúrgico, de maneira que as celebrações constituíram momentos privilegiados de encontros com o Senhor e os irmãos. As celebrações e encontros são animados com cantos e devoções pessoais a liturgia expressa e celebra a fé, a vida, a caminhada das CEBs.⁷¹

Todos esses elementos fizeram com que na paróquia surgissem várias pastorais, movimentos e serviços, isso foi possível, pelo engajamento dos fiéis que desejavam evitar o crescimento do protestantismo, expandir a igreja e torná-la mais próxima das pessoas. Graças as CEBs é possível ver no cenário eclesial das comunidades da paróquia as significativas transformações que fizeram dos leigos e das leigas protagonistas da missão.

Um outro ponto que merece destaque nas CEBs foi o maior valorização da vida sacramental e da catequese. O Concílio Vaticano II e a conferência de Medellín propuseram uma renovação da vida sacramental das comunidades. Principalmente na zona rural, onde a realização de missas era esporádica, não havia suficiente preparação para os sacramentos. Sem a consciência do que eles significam para o cristão era de cunho conservador e baseadas numa sacramentalização e pouca ênfase numa evangelização prévia. A partir das CEBs, viu-se a necessidade de uma intensificação pastoral sacramental que priorizava preparação adequada, gradual a partir de uma inserção da pessoa na comunidade. Diante dessa constatação pastoral, Medellín estabeleceu prioridade para a formação de dirigentes e catequistas:

A preparação de dirigentes e orientadores catequistas com dedicação exclusiva; A formação de catequistas com conhecimento básico e uma

⁷¹ MOREIRA, 2009, p. 78.

visão ampla das condições psico-sociológicas do meio humano em que terão de trabalhar, bem como das religiões primitivas, em alguns lugares, e dos recursos de evangelização que se tenham sido empregados; A promoção de catequistas leigos, preferencialmente originários de cada lugar, e a formação, no ministério da Palavra, dos diáconos permanentes.⁷²

Nas CEBs, os dirigentes e catequistas desenvolvem um papel fundamental na preparação dos sacramentos, eles se servem da bíblia e de subsídios fornecidos pela paróquia com instrução pastoral-catequética segundo métodos pedagógicos novos, de alcance mais popular, de modo que se estabeleceram melhores preparações para os sacramentos. A catequese, realizada a partir da bíblia, vista por uma ótica popular constrói em suas ações uma compreensão do reino de Deus, percebendo que as camadas populares também podem fazer parte da missão de Cristo e do lançar-se para ouvir a palavra.

3.3 Valorização da Bíblia nas comunidades

Desde o início das CEBs, a bíblia ocupa um lugar central. Pois é em torno da Palavra de Deus que o povo se reúne para meditar e refletir sobre a realidade que o cerca e à sua luz transformar a realidade. A paróquia avançou no sentido de popularizar a bíblia, fazendo campanhas de doação de bíblias, oferecendo formação para os fiéis através de semana bíblica, cursos bíblicos, círculos bíblicos, implantação do CEBl entre outros, demonstrando que a bíblia desempenha um papel fundamental na caminhada paroquial como afirma C. Boff:

Na medida em que a Bíblia estiver no coração da comunidade, esta guardará sua identidade própria com relação a todas as outras formas de organização popular. De fato, é a Palavra da fé que vai garantir a legitimidade cristã das CEBs. Com a Bíblia na mão, o povo adquire legitimidade inclusive para questionar a velha ordem eclesial e propor uma nova, mas conforme às exigências bíblicas.⁷³

Com o Concílio Vaticano II, houve um maior acesso do povo à bíblia. Com a conferência de Puebla, os bispos conseguiram mostrar a sua importância para a evangelização. É evidente que essa mudança no cenário religioso, ou seja, o hábito de ler a bíblia torna-se cotidiano possibilitando a sua maior valorização, visto que a o povo começou a perceber que na Palavra de Deus havia inúmeras realidades e

⁷² PADIN, Dom Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo; CATÃO, Francisco. **Conclusões da Conferência de Medellín, 1968**: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual? 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 130.

⁷³ BOFF, Clodovis. **CEBS**: A que ponto estão e para onde vão. São Paulo: 1997. p. 527.

exemplos que poderiam ser utilizados no seu cotidiano no sentido e iluminar a vida cristã e identificar a injustiças tornando-os capazes de superar todos os desníveis presentes no seu corriqueiro. Afirma Libânio:

As CEB desenvolvem uma prática hermenêutica da bíblia, através da qual a Escritura se torna um critério de discernimento e um meio de comunicação a outros da experiência de Deus na experiência do pobre. Com a Escritura na mão, as CEBs procuram interpretar para a sua vida a revelação de Deus vivo na história (...) A CEB, ao realizar esta leitura e re-leitura da Escritura produz uma atividade teológica orgânica, que a constitui e a desenvolve como CEB.⁷⁴

A paróquia ainda incluiu no calendário formações mensais para os multiplicadores da leitura orante da bíblia. Com isso, os fiéis passaram a ter um entendimento de como a oração e a leitura da bíblia são importantes para a compreensão da vida comunitária e social.

Como se pode verificar, a partir de sua valorização, a bíblia não se tornou apenas o foco, mas espelho da vida, ou melhor, o exercício de um olhar capaz de captar a vida em sua profundidade. Nesse sentido, a bíblia se populariza como mecanismo de fé, na consolidação dos anseios que permeiam a vida dos que mais vivenciam as injustiças sociais. Partindo dessa afirmação, Carmo e Junior:⁷⁵

O catequizando ganha voz, como interlocutor do texto sagrado. E o mesmo texto, diante de interlocutores distintos, se torna capaz de responder de forma diferente aos anseios de cada um. Mulheres, lavradores, operários ou estudantes passam a encontrar no texto não uma fórmula a ser decorada, mas uma chave hermenêutica da própria vida, ou seja, descobrem não uma revelação imutável de Deus, mas a presença do Deus que se revela em sua própria história.

As práticas das Celebrações da Palavra de Deus foram sendo realizadas com frequência em todas as comunidades até se tornarem consolidadas. A bíblia não era mais um livro da palavra de Deus distante dos fiéis, mas tornou-se parte da realidade da vida religiosa na comunidade. Foi possível perceber no rosto dos fiéis a alegria de ganhar uma bíblia e poder aprender dentro dos círculos bíblicos e das formações sobre aquilo que a bíblia traz sobre Deus.

⁷⁴ LIBÂNIO, J. B. **Teologia da Libertação, Roteiro didático para um estudo**. São Paulo: 1987. p. 261.

⁷⁵ CARMO, Maria do Carmo; JÚNIOR, João Ferreira. A leitura popular da bíblia e seu impacto na renovação da catequese na América Latina. **Interações: Cultura e Comunidade**, v. 13, núm. 24, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mar-set. 2018. p. 442.

3.4 Protagonismo da mulher nas CEBs: Comunidade Tranqueira

Este tópico tem como objetivo analisar a importância da Teologia da Libertação, tendo como foco as CEBs e, a missão que as mulheres desenvolvem dentro da Igreja, destacando, mais precisamente, o protagonismo da mulher na comunidade. A Paróquia de Valença do Piauí conta com 15 comunidades no interior do município. Neste tópico vamos usar para a pesquisa uma delas chamada de Tranqueira. Esta comunidade é reconhecidamente quilombola e tem como dirigentes na parte religiosa, as mulheres.

As mulheres desenvolvem, na CEB Tranqueira, uma missão considerável contribuindo com o desenvolvimento religioso e social da comunidade sendo protagonistas, merecendo deste trabalho, um reconhecimento à parte.

A militância feminina religiosa a partir da Teologia da Libertação e das CEBs ganha força no cenário religioso e social. As mulheres são responsáveis por uma grande ligação e afinidade com a religião, e se destacam pela sua luta e bravura diante de espaços que apresentam uma duplicidade de classe social e gênero. Elas representam um maior público participativo nos mais diferentes espaços das religiões. Segundo Couto;

Dentre a massa de sujeitos que engrossam as fileiras das inúmeras denominações evangélicas e pentecostais, representam a base e a liderança dos grupos leigos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), superlotam as celebrações do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC) e dão visibilidade às casas e aos terreiros afro-brasileiros, são as mulheres que têm maior expressividade.⁷⁶

Com a expressividade que as mulheres passaram a desenvolver ao longo dos anos, começaram a ocupar cargos de mais destaque dentro das igrejas, como líderes de comunidades (Igreja Católica), Pastoras (igrejas evangélicas), líderes de religiões de matriz africana, dentre outras denominações religiosas. Assim, a partir desses destaques que são reconhecidos aos poucos, as mulheres passaram lutar contra posturas machistas tornando-se uma voz de resistência para com a desigualdade de gênero dentro de uma sociedade machista, androcêntrica e patriarcal. Na comunidade Tranqueira, as mulheres são símbolo dessa luta e resistência. Na vivência da fé, assumem os ministérios de liderança e coordenação.

⁷⁶ COUTO, Márcia Thereza. Na trilha do gênero: pentecostalismo e CEBs. **Estudos Feministas**, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 357-369, jul. 2002. Semestral. p. 357.

Para Couto⁷⁷, existem duas linhas que demarcam essa luta, a primeira diz respeito ao emocionalismo feminino, sendo, pois a menos expressiva, por apresentar um raciocínio em que as mulheres ainda são marginalizadas em espaços religiosos, que as coloca como subalternas, aptas somente para algumas funções. As mulheres nessa linha de entendimento são levadas para alienação diante de uma opressão feminina. A primeira linha de pensamento sofre sérias críticas dos movimentos feministas, tanto na esfera religiosa, como na esfera social na luta pela igualdade de gênero, e refletir sobre a necessidade de desconstruir essa hierarquia entre homens e mulheres.

A segunda linha apresenta um raciocínio mais expressivo, pois se caracteriza pela força e engajamento das mulheres nos espaços religiosos e sociais como protagonistas. Nessa linha, a pesquisa procura demonstrar como é a trajetória das mulheres nestes espaços e o que isso implica em suas vidas. De acordo com Couto⁷⁸, “Mesmo considerando a religião como um instrumento de luta de pequeno alcance, busca-se ressaltar os benefícios obtidos em termos de uma possível diminuição da opressão feminina”.

Em relação às CEBs, as mulheres encontraram um espaço menos opressivo e mais dinâmico possibilitando uma voz mais ativa para participar e clamar por igualdade. Essa possibilidade e mais liberdade em relação aos aspectos religiosos fez com que as mulheres deixassem um ambiente passivo (apenas afazeres de casa) e se lançassem a novos horizontes que antes eram almejados apenas pelos homens. As CEBs tornaram-se não só um ambiente acolhedor dos menos favorecidos, mais também um ambiente da voz feminina e espaço de debate. De acordo com Moreira,

As CEBs possibilitaram a promoção feminina de modo natural, normal e espontâneo. Não houve um movimento de conquista ou uma decisão arbitrária para promover a mulher nas CEBs. A promoção da mulher se concretizou como estilo laical e a diversidade de ministérios, ofícios e serviços eclesiais nas CEBs. Os relatórios de experiências de CEBs e dos diversos encontros sobre estas comunidades descrevem que são, sobretudo, as mulheres que se empenham nos ministérios, na evangelização e nos serviços e ofícios dessas comunidades.⁷⁹

⁷⁷ COUTO, 2002, p. 357.

⁷⁸ COUTO, 2002, p. 359.

⁷⁹ MOREIRA, Heleno. **A eclesialidade das CEBs no ensinamento do Concílio Vaticano II e do CELAM**. Teresina: Halley, 2009. p. 229.

O processo histórico do engajamento religioso feminino na América Latina e no Brasil se une a história das mulheres de Valença, com grande influência das mulheres nas decisões e participação na vida eclesial da comunidade, mais precisamente daquelas que são conhecidas como benzedeadas e responsáveis pelas celebrações das exéquias, bem como as líderes de comunidades.

Os movimentos sociais com o protagonismo das mulheres ligados às CEBs tiveram sua efervescência mais precisamente durante as décadas de 1970 e 1980, no Brasil, momento em que o país estava sob o regime militar. Na igreja, os movimentos davam força à religiosidade popular até nos mais distantes espaços do meio urbano. E com essa movimentação e efervescência religiosa popular, abre-se espaço para o desenvolvimento das várias comunidades onde os padres não conseguiam chegar com regularidade por conta de transportes entre outras questões. Por esse fato, as missas e outros sacramentos só aconteciam uma vez por ano na festa dos padroeiros ou nas desobrigas. Com a falta de padres e freiras, as comunidades se mantiveram firmes na fé através da força da religiosidade popular que em geral, fomentada pelas mulheres. Eram elas que rezavam os terços, faziam as novenas, cantavam as ladainhas, realizavam as exéquias, faziam benzimentos, organizavam a festa do padroeiro, etc.

A participação das mulheres em novos caminhos da fé foi responsável pelo intermédio da função das CEBs no processo da democratização e conscientização das comunidades mais afetadas por fatores econômicos e sociais. A militância surge nesse contexto como um fator determinante na efetivação da participação feminina na igreja. As CEBs, eram compreendidas por seus frequentadores e suas frequentadoras como espaços que permitiam a socialização na interpretação e entendimento das normas estabelecidas pela igreja, consolidando assim um evangelho humanizado.

As propostas e intenções religiosas eram inicialmente envolver todos aqueles que compunham a comunidade, pois inicialmente a busca pelos encontros era pelas famílias e casais, nesse sentido, pode-se afirmar que:

Era mais ou menos equilibrado, nós ia com os maridos, porque nós fazia de noite as reuniões, daí a gente tinha medo, a Dirce ia com o Neco, eu ia com meu marido, a Geraldine ia com o João, a Rosa ia com o Basílio, todo mundo, era os casais que iam; [carregava o marido] o marido e as crianças junto, as crianças tinha que levar junto porque não podia deixar, a minha casa era muito pobrezinha, não tinha, só uma fechadura qualquer, a janela

ruim, então se alguém entrasse, não tinha nada pra roubar; mas as crianças a gente levava junto, a gente era meio a meio [...] ⁸⁰

Todavia, é necessário que se compreenda que as CEBs e suas ações não pautavam apenas como espaços de sociabilidade e isso é um fato incontrovertível, mas além da comunhão entre os que buscavam a palavra de Deus, via-se nesses espaços a oportunidades de reivindicações e buscas por melhorias em aspectos da própria comunidade.

Partindo dessa compreensão acerca da atuação feminina no âmbito religioso, a sua função se desdobra em mais uma função, a de luta, de ressignificação dos espaços, pois foi instituído culturalmente que a mulher seria responsável pelo bem estar da casa, do esposo e dos seus filhos. As CEBs proporcionaram a participação das mulheres numa esfera social antes não desempenhada;

Além dos novos papéis assumidos nos ministérios, a proposta de ação das comunidades permitiu às mulheres enfrentarem desafios, como lutar pela infraestrutura de seu bairro, participar de reuniões com funcionários da prefeitura, organizar os vizinhos nas mobilizações e construir a casa da comunidade. Tais práticas muitas vezes entravam em contradição com os papéis que a Igreja atribuía às mulheres, sobretudo em suas representações do feminino, por isso em alguns casos percebe-se que as mulheres criaram estratégias para tentar superar as contradições. ⁸¹

As mulheres começaram a ter mais espaço em um ambiente onde só os homens poderiam expressar o poder sobre as decisões. Segundo Zavares ⁸², “No “catolicismo popular” as mulheres sempre ocuparam espaços de liderança e exerceram ministérios: como benzedeiras, na reza do terço, ladainhas cantadas, procissões, romarias, animando e sustentando a fé e a luta pela vida”. As mulheres saíram da passividade e começaram a participar de vários movimentos sociais, e se fizeram liderança a partir da teologia empregada pelas CEBs.

As manifestações em relação à maneira de entendimento que coloca todo apoio a religiosidade popular e a força da mulher difundiram-se em todo o Brasil, de modo mais impactante no Nordeste por conta da falta de acesso dos padres aos interiores.

⁸⁰ LICHEWITZ, L. **Participante das CEBs**, Curitiba, 16 dez. 2008. 1 arquivo (110 min). Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza.

⁸¹ GUARIZA, Maria Nadia. O fazer-se mulher em comunidade: uma “matemática muito sensível”. **Rev. Pistis. Prax. Pastor**. Curitiba. v. 4, n. 1, p. 19-31, jan/jun 2012.

⁸² ZAVAREZ, Maria de Lourdes. **Celebração da Palavra e protagonismo feminino**. 2016. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1091365/2016/11/celebracao-da-palavra-e-protagonismo-feminino/>>. Acesso em: 28 jul. 2019. p. 1.

As mulheres começaram a ter mais espaço em um ambiente só os homens poderiam expressar o poder sobre as decisões. As mulheres saíram da passividade e começaram a participar de vários movimentos sociais, e se fizeram liderança a partir da teologia empregada pelas CEBs. A comunidade Tranqueira é um reflexo de toda espiritualidade vivenciada pelo povo nordestino herdada das CEBs e de outros movimentos religiosos.

A comunidade Tranqueira está localizada a 18km de Valença do Piauí. É constituída por 34 famílias, com uma população de 58 habitantes. As principais manifestações culturais são: as festas de reisado, São Gonçalo e a dança típica conhecida como Manuê. A comunidade é remanescente de quilombo, patriarcal, onde os homens determinam certas posições na vivência social, mas, quem se dedica aos afazeres da Igreja são as mulheres. As mulheres são protagonistas na vivência religiosa e quem toma as decisões.

A Maria dos Passos tem a missão de coordenar a comunidade na parte religiosa e tomar decisões sobre o que deve ser desenvolvido na comunidade; Rosicleia dedica-se à administração das finanças da comunidade, e se destaca como tesoureira; Maria dos Prazeres é responsável pela parte da animação da comunidade e ainda responsável pela coordenação e animação da pastoral do dízimo; Rosilene é coordenadora da catequese, dedica-se na tarefa de evangelizar as crianças, jovens e adultos através dos ensinamentos cristãos. Nesta comunidade, o protagonismo feminino é demonstrado de forma total em relação aos assuntos da Igreja. Afirma Moreira;

As mulheres têm exercido vários ministérios, serviços e carismas eclesiais de suma importância para toda a caminhada das comunidades. Por tudo isso, pode-se afirmar que as CEBs representam um dos espaços mais significativos para as mulheres exercitarem os ministérios e participarem mais ativamente na vida eclesial. E relevante e notável a contribuição das mulheres nas CEBs.⁸³

O protagonismo feminino nas Igrejas Católicas se fortificou a partir do modelo de evangelização das CEBs. Com elas veio o que se pode chamar de libertação no processo de evangelização pelas mulheres. As mulheres passaram ter uma posição de destaque e coordenação dos assuntos religiosos dentro das comunidades.

⁸³ MOREIRA, 2009, p. 227.

De acordo com Teixeira⁸⁴, “as CEBs são hoje indissoluvelmente centros de evangelização e motores de libertação. [...] Negar um desses componentes essenciais é negar-lhes a identidade originária, entendendo-se sempre que o primeiro é raiz, sendo o segundo o fruto”. A missão das CEBs é como fruto de uma raiz sólida dentro do processo de evangelização e santificação dos fieis. “Portanto, deve ficar claro que as CEBs são o resultado genuíno de um processo perfeitamente recíproco: o de um povo que se faz Igreja e o de uma Igreja que se faz povo”.⁸⁵

As CEBs representam os espaços de comum unidade para que as desigualdades sejam sanadas, fazendo com que homens e mulheres possam permanecer unidos no anúncio do evangelho de Jesus Cristo e na Missão de congregar a todos sem distinção de gênero, raça ou cor. A presença viva das mulheres nas celebrações representa uma reaproximação da Igreja com seus fiéis.

3.5 As celebrações dominicais nas CEBs

As celebrações nas CEBs têm seu fortalecimento na compreensão de que o domingo é um dia sagrado, pois é o dia do Senhor. “Os pastores da Igreja sempre procuraram ensinar aos fiéis a importância da necessidade de se reunirem para santificar o domingo. O Concílio Vaticano II recordou a valorização deste preceito na Sacrosanctum Concilium, como um dever de todo cristão”.⁸⁶ O domingo é importante pela reunião que a comunidade faz em torno da palavra e da eucaristia.

Com as CEBs foi possível resgatar o sentido Cristão do Domingo nos povoados, vilas e aldeias, nos quais só havia celebrações por ocasião das visitas dos párocos. Nas periferias das cidades também não eram diferentes dos interiores, pois inúmeras comunidades festejavam diversas tradições da religiosidade popular, porém desvinculadas da liturgia oficial. Foram as CEBs que fizeram a aproximação entre a “igreja do povo” e a igreja oficial. Isso foi possível graças ao culto dominical, que seguia a ordem e a estrutura das normas litúrgicas, mas dava liberdade aos dirigentes de colocarem elementos próprios da sua realidade.

Na vida cristã dentro do processo de evangelização e de partilha da fé, o domingo é o dia do senhor. Este dia ocupa um espaço especial quando se trata das

⁸⁴ TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. **A gênese das CEBs no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 7.

⁸⁵ TEIXEIRA, 1988, p. 7.

⁸⁶ MOREIRA, 2009, p. 195.

CEBs, principalmente pela rica celebração litúrgica, seja na sede da paróquia ou nas comunidades tanto do interior quanto da cidade. Segundo Moreira,

As celebrações dominicais representam o ponto alto da vida religiosa nas CEBs. Com estas celebrações o domingo vai ganhando o seu verdadeiro sentido para os membros das CEBs. Esses membros reúnem-se em sua capela ao redor da Palavra de Deus para ouvira mensagem própria de cada domingo.⁸⁷

Na liturgia das CEBs, o domingo assume uma dinâmica de vivência da fé inigualável por reunir os fiéis em todas as comunidades cristãs de uma maneira especial. Os membros da igreja se reúnem para a celebração da missa ou para a celebração da Palavra. As celebrações da Palavra, presididas por um dirigente da comunidade, são precedidas por uma preparação que envolve todos os seus membros. Todos os serviços são distribuídos, os cantos, as leituras, os comentários, a presidência da celebração e a preparação do espaço celebrativo, acontecendo ali uma verdadeira manifestação dos dons do Espírito.

Com a divisão dos serviços nas comunidades, os próprios fiéis têm consciência da sua importância na evangelização, nas celebrações da Palavra, na partilha da Palavra e no encontro com o outro, tendo em vista a importância do domingo e do cumprimento do mandato do Senhor “ide pelo mundo e anunciai o evangelho a todas as criaturas” (Mt 28,19).

A importância do domingo na vida do cristão é ensinada através do envolvimento de todos os membros das comunidades. Com a estrutura fraterna e solidária, as CEBs acolhem todos os membros com seus dons e carismas. Pouco a pouco, nestas comunidades foi-se formando uma consciência litúrgica, valorizando-se os dons de cada um e favorecendo uma frequente participação nas celebrações. São reconhecidas pelo estilo litúrgico participativo e partilha da palavra de Deus. Tudo isso se tornou possível com criação das CEBs a partir da Teologia da Libertação.

3.6 Acolhimento da religiosidade popular

É possível se verificar, em toda a América Latina, manifestações da religiosidade popular. Elas fazem parte das raízes culturais dos povos latino-americanos. Percebendo essa realidade, o Concílio Vaticano II, na constituição

⁸⁷ MOREIRA, 2009, p. 197

pastoral Sacrosanctum Concilium, bem como as conclusões de Medellín e os documentos da CNBB, orienta a Igreja no sentido de acolher as expressões da religiosidade popular, reconhecendo-as e integrando-as à Igreja.

A expressão da religiosidade popular é fruto de uma evangelização do tempo da Conquista, com características especiais. É uma religiosidade de votos e promessas, de peregrinações e de um número infinito de devoções, baseada na recepção dos sacramentos, especialmente do batismo e da primeira Eucaristia, recepção que tem mais consequências sociais que um verdadeiro influxo no exercício da vida cristã.⁸⁸

Ao tempo em que os bispos da América latina reconhecem o grande valor da religiosidade popular, acenam para alguns pontos negativos que podem causar um certo divórcio com a doutrina católica devido carência de uma pastoral adequada. Assim se expressa o CELAM,

Os aspectos negativos são de origens várias. De tipo ancestral: superstição, magia, fatalismo, idolatria do poder, fetichismo e ritualismo. Por deformação da catequese: arcaísmo estático, falta de informação e ignorância, reinterpretação sincretista, reducionismo da fé a um mero contrato na relação com Deus. Ameaças: secularismo difundido pelos meios de comunicação social, consumismo, seitas religiões orientais e agnósticas, manipulações ideológicas, econômicas, sociais e políticas, messianismos políticos secularizados, perda de suas raízes e proletarização urbana, em consequência das transformações culturais. Podemos afirmar que muitos desses fenômenos são verdadeiros obstáculos para evangelização.⁸⁹

Todos esses pontos demonstram a preocupação dos bispos em promover uma adequada pastoral que possa acolher as várias manifestações da religiosidade popular. Foi nas CEBs que estas expressões encontraram abrigo e a igreja pode fazer uma catequese tal que promovesse a unidade entre as expressões da fé popular com os ensinamentos da igreja oficial. A religiosidade popular encontrou um campo vasto nas CEBs, enriquecendo-a e vivificando-a, pois passaram a ser um lugar aonde os leigos e leigas mais simples puderam expressar e viver a sua fé, em geral, com um caráter mais devocional. É evidente que as CEBs, acolhendo a religiosidade popular, contribuíram para purificá-la e favoreceram um caráter mais comunitário a esta expressão de fé. A religiosidade popular integrou-se à igreja através das CEBs, que a orientou a práticas cristãs mais livres de superstições, sem ritualismos mágicos etc. Seguindo assim as orientações do CELAM. Consoante afirma Moreira:

⁸⁸ PADIN; GUTIÉRREZ; CATÃO, 1998, p. 67-68.

⁸⁹ DARIVA, Noemi. **Conclusões da Conferência de Puebla:** evangelização no presente e no futuro da América Latina/Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2004 (coleção Sal da Terra). N. 456. p. 192.

As principais recomendações pastorais da conferência de Medellín sobre a religiosidade popular bem elucidadas nas CEBs são: impregnar as manifestações populares, como romarias, peregrinações e devoções diversas da palavra evangélica; rever muitas das devoções aos santos, para que não sejam tomados apenas como intercessores, mas também como modelos de vida, de imitadores de Cristo; tratar das devoções, dos sacramentos de maneira que não levem o homem a uma aceitação semifatalista e sim o eduquem para se tornar administrador com Deus, de seu destino; e, sobretudo, a consideração de que a religiosidade popular é um elemento válido na América Latina, é vivido por muitas pessoas e pode ser a ocasião de ponto de partida para um anúncio da Fé.⁹⁰

Através das CEBs a religiosidade popular foi integrada e reconhecida dentro da igreja de tal maneira, que hoje, se pode encontrar suas tradições explícitas fazendo parte o inteiro das atividades religiosas das comunidades. As festas dos padroeiros, o mês mariano, mês da bíblia, mês vocacional, as santas missões populares, todos trazem expressões da devoção popular e isso é o indicativo de que através das CEBs a devoção popular encontrou lugar e promoveu a sua comunhão com a igreja. Tornou-se um meio importante para a evangelização.

Um fator importante que deve ser destacado, e que contribuiu para que as CEBs acolhessem a religiosidade popular foi o fato de que nelas a coordenação era exercida por leigos e leigas, sem a interferência direta de um ministro ordenado. Isso possibilitou que as manifestações autóctones da religiosidade popular estivesse presente inclusive nas celebrações do culto oficial, pois também este, era preparado pelos leigos e leigas.

A efervescência das CEBs fizeram emergir um novo modelo de religião popular, que através da convivência da religiosidade popular, do magistério da igreja, da tradição bíblica e do compromisso social, este último embasado nos princípios da Teologia da Libertação.

Não se pode esquecer que nas CEBs, dentro da tradição popular da devoção aos santos, se destaca a devoção à beata virgem Maria. Como afirmaram Gebara e M. Lucchetti:

As comunidades eclesiais de base têm Maria muito presente no cotidiano de suas vidas e de suas lutas. A vêem além da Mãe do céu, santa e misericordiosa, como irmã da terra companheira de caminho, mãe dos oprimidos, mãe dos desaparecidos. Ela é a protagonista e o modelo de uma espiritualidade nova, nascida no poço da vida, do sofrimento e das alegrias do povo latino-americano. (...) Seu canto do Magnificat deixa entrever, na leitura feita pelo povo das comunidades eclesiais de base, o sim constante de Maria a de Deus e a seu plano, ao mesmo tempo que seu não as injustiças e ao estado de coisas com o que não é possível pactuar, ou não

⁹⁰ MOREIRA, 2009, p. 83.

ao pecado de indiferença, diante dos Sofrimentos que fazem vítimas dos outros.⁹¹

Em toda a América Latina encontra-se arraigadas tradições populares de cunho mariano. São ladainhas, cantos, benditos, procissões danças e promessas. Encontra-se uma grande quantidade de subsídios para as CEBs motivados pela figura de Maria tomada como modelo de cristã fiel ao projeto de Deus, como mãe, como esposa, como dona de casa, como modelo de fé e símbolo da vitória dos pequenos, como se expressa no magnificat.

A pastoral católica viu na religiosidade popular uma possibilidade de evangelizar, e foi através das CEBs que isso se tornou possível. Fomentando novos ministérios, dando centralidade à proclamação da Palavra, reconheceu o seu caráter mistagógico a igreja preencheu lacunas na sua presença junto aos povos mais distantes dos centros.

Como toda a Igreja, a religião do povo deve ser evangelizada sempre de novo. Na América Latina, depois de quase 500 anos de pregação do Evangelho e do batismo generalizado de seus habitantes, há de se apelar para a “memória Cristã de novos povos”. Será um esforço de pedagogia pastoral, em que o catolicismo Popular seja assumido, purificado, completado e dinamizado. Isso implica, na prática, reencontrar um diálogo pedagógico. (...) Para tanto, se requer conhecer os símbolos, a linguagem silenciosa, e não verbal, do Povo, com fim de conseguir um diálogo vital comunicar a Boa Nova mediante um processo de reformulação catequética.⁹²

3.7 Dimensão social e as CEBs

A missão de evangelizar também abre possibilidade de trabalhar amplamente a dimensão social da fé sendo um sinal escatológico na sociedade, se definindo como instância não de poder, mas de serviço ao ser humano, dos sem poder, dos sem riqueza, dos sem dignidade.

A Igreja desde sua origem é levada por natureza a se interessar pelos pobres. Ela nasceu para isso: restituir a dignidade humana ao ser humano. “Olha para nós, não temos nem ouro nem prata. O que tenho, porém, te dou: em nome de Jesus, anda” (At 3, 4). A continuação do texto relata que o Apóstolo Pedro tomou o aleijado pela mão direita, e o ergueu. A missão da Igreja é erguer os caídos.

⁹¹ GEBARA, I; LUCCHETTI, M. C. Bingemer. “**María**”, in **Mysterium Liberationis I** (a cura de I. Ellacuría e J. Sobrino; Madrid, 1990) p. 601-618. p. 617

⁹² DARIVA, n. 457, p. 192.

A Igreja dos Apóstolos é diferente do Templo na relação com as pessoas. O Templo ver o aleijado e apenas comenta sua condição acusando-o de pecador público. A Igreja dos Apóstolos olha o pobre e o chama pro meio (At 6,3). Diz-lhe que ele pode andar.

As comunidades cristãs devem ser estes centros de promoção da dignidade humana. Elas, com seu trabalho de caridade organizado, tornar-se-ão promotoras da vida e para os desprezados e postos às margens da sociedade. Pode-se dizer que a inclusão será o grande trunfo das comunidades cristãs na Igreja Nova. “A missão dos discípulos é o serviço à vida plena”.⁹³ Ainda escrevem os bispos: “A nova época que, pela graça de Deus, haverá de surgir precisa ser marcada pelo amor e pela valorização da vida, em todas as suas dimensões”.⁹⁴ A Igreja comunidade de comunidades é convidada a criar a cultura da vida.

É através da promoção da cultura da vida que os discípulos missionários de Jesus Cristo testemunham verdadeiramente sua fé. [...] é pelo amor serviço à vida que o discípulo missionário, haverá de pautar seu testemunho, numa Igreja que segue os passos de Jesus, adotando sua atitude sendo pobre, despojada, sem bolsa nem alforje, colocando sua confiança unicamente no Senhor.⁹⁵

De modo especial, a ação evangelizadora da Igreja das Comunidades deve ressaltar a importância da vida no planeta. A vida humana e todo tipo de vida. “Na solidariedade de uma igreja samaritana, o discípulo missionário vive o anúncio de um mundo diferente que, acima de tudo, por amar a vida, convoca à comunhão efetiva entre todos os seres vivos”.⁹⁶

Com isso, é mister ressaltar o papel fundamental da Doutrina Social da Igreja na vida do seu povo. Por sua natureza o papel da Igreja consiste na disseminação do Evangelho através do anúncio profético a todos os povos, independente da região geográfica, cultura, etnia, classe social e língua.⁹⁷ Ademais, transformar a realidade social marcada por inúmeras divisões, discriminações e ódio com a força do Evangelho, testemunhada por fiéis a Jesus Cristo, sempre foi um desafio e, no início do terceiro milênio da era cristã, ainda o é. Com isso, a Igreja em sua Doutrina Social salienta:

⁹³ CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil 2011-2015**. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2011. n. 65.

⁹⁴ CNBB, DGAE, n. 65.

⁹⁵ CNBB, DGAE, n. 68.

⁹⁶ CNBB, DGAE, n. 72.

⁹⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM, Marcos 16,15.

Uma sociedade justa pode ser realizada somente no respeito pela dignidade transcendente da pessoa humana. Esta representa o fim último da sociedade, que a ela é ordenada: Também a ordem social e o seu progresso devem subordinar-se constantemente ao bem da pessoa, visto que a ordem das coisas deve submeter-se à ordem pessoal e não o contrário.⁹⁸

A partir dessa leitura da realidade eclesial na comunidade paroquial, ou seja, a consideração de todos os fatores de injustiça social real na vida do povo como: pobreza, divisão social, discriminação e outras; depois de uma visão, e análise de conjuntura, dado o passo da ação, aí sim, a paróquia cumpre sua missão profícua dada por Cristo que é ser voz profética na realidade das suas distintas comunidades que a compõem. Sair de uma paróquia sacramental, baseada exclusivamente na dispensa dos sacramentos e tornar-se uma paróquia comunidade de comunidades é o ideal de uma Igreja que consola os tristes, liberta os oprimidos, alimenta os famintos e que vai ao encontro dos mais necessitados.

⁹⁸ **Compêndio da Doutrina Social da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2011.

4 DE UMA PARÓQUIA SACRAMENTAL A UMA IGREJA COMUNIDADE DE COMUNIDADES

Este capítulo tem como proposta, a compreensão das comunidades a partir das visões eclesiais desde Pe. Marques até Pe. Gilberto. No continuum da história, vimos na Igreja, que a seu tempo era sacramental, centralizada na figura do pároco e que foi pouco a pouco, ganhando novos contornos onde, a partir do Pe. Nery e dos leigos de Valença houve uma grande renovação do *modus vivendi* da paróquia antes, mais centrada em si, numa visão ad intra e em seguida, um olhar mais alargado torna-se ad extra, como era a proposta do Concílio Vaticano II.

O olhar dessa pesquisa foi cadenciado por um recorte da história eclesial de Valença de modo que neste tempo concreto perceberam-se dois modos de ser igreja, que não deixaram de ser respostas próprias, ao seu tempo, aos anseios do povo de suas respectivas gerações. Somente com este olhar conseguiremos compreender a valorosa contribuição da Teologia da Libertação e das CEBs no ambiente concreto de Valença dos anos de 1946 a 1998.

4.1 Um olhar sobre o *modus vivendi* das comunidades cristãs primitivas: base para igreja comunidade de comunidades

Neste tópico, lançaremos um olhar sobre a forma de vida dos cristãos da era apostólica, por entender que ali encontramos as bases de uma igreja comunidade de comunidades, fundamentada nos valores evangélicos anunciados por Jesus Cristo, que ainda hoje motivam este cenário de igreja.

Os primeiros cristãos não pertenciam às classes nobres de Israel nem faziam parte do círculo das classes dirigentes da religião vigente nem dos governantes. Era gente humilde saída do rebanho, suspeitados e desprezados pelos ricos saduceus. Eram na sua maioria galileus palestineses e pessoas vindas do paganismo.

Seus encontros aparentemente judaicos tinham certas peculiaridades e significado que os diferenciava dos judeus. Davam nova interpretação aos ritos antigos. Viviam em grande harmonia. Chamavam-se irmãos. Não se preocupavam com os preceitos judaicos da observação do sábado, não fugiam do mundo, não

tinham sinagogas próprias. Não se colocavam isolados, mas, mostravam-se acessíveis a todos.

Quanto a os seus chefes, os Apóstolos, esses não cessavam de convidar as almas piedosas a fazerem parte de seu grupo. Classificados socialmente os primeiros cristãos eram o resto de Israel, os anavim, pobres e iletrados.⁹⁹

Os batizados eram assíduos na oração, na partilha do pão e na caridade fraterna. Adeptos da nova religião, os cristãos mudavam de comportamento social e eram convocados a viver uma ética, um étos diferente do vigente, um modo de vida cristão, segundo o exemplo de Cristo.

E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade da sua mente. [...] vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; E vos renoveis no espírito da vossa mente; E vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade. Por isso deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros [...]. Aquele que furtava, não furtar mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade. Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem. E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção. Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmia e toda a malícia sejam tiradas dentre vós, Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo (Ef 4, 17-32).¹⁰⁰

Noutra passagem os cristãos são chamados a serem imitadores de Cristo, sinal que o modo de vida de Cristo era doravante a norma de vida de seus seguidores. Esse *modus vivendi* é o modo de vida dos que entraram no Reino de Deus.

Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; E andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave. Mas a prostituição, e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos; Nem torpezas, nem parvoíces, nem chocarrices, que não convêm; mas antes, ações de graças. Porque bem sabeis isto: que nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus (Ef 5,1-5).¹⁰¹

Estas passagens constituem o código de ética cristã. O Apóstolo Paulo não hesitou em deixar claro qual seria o modo de vida dos discípulos de Cristo. Como aos de Éfeso recomenda também aos de Tessalônica.

⁹⁹ ROPS, Daniel. **A Igreja dos Apóstolos e mártires**. 2. Ed. Porto: Tavares Martins, 1960. p. 10.

¹⁰⁰ BIBLIA DE JERUSALÉM, 2002.

¹⁰¹ BIBLIA DE JERUSALÉM, 2002.

Finalmente, irmãos, vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus, que assim como recebestes de nós, de que maneira convém andar e agradar a Deus, assim andai, para que possais progredir cada vez mais. [...] Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação; que vos abstenhais da prostituição; [...] Ninguém oprima ou engane a seu irmão em negócio algum, porque o Senhor é vingador de todas estas coisas, como também antes vo-lo dissemos e testificamos. [...] Quanto, porém, ao amor fraternal, [...] que vos ameis uns aos outros; Porque também já assim o fazeis para com todos os irmãos que estão por toda a macedônia. Exortamos-vos, porém, a que ainda nisto aumenteis cada vez mais (1Ts4, 1-10).¹⁰²

O amor fraterno era uma exigência constante das comunidades cristãs. “Pela obediência à vontade purificastes as vossas almas para praticardes um amor fraternal sem hipocrisia. Amai-vos uns aos outros ardorosamente e com coração puro” (1Pd 1,22). Theissen testifica que dois eram os valores principais do etos cristão primitivo: o amor ao próximo e a renúncia ao status¹⁰³. Esse amor fraternal iria até a exigência de amar o inimigo. A renúncia ao status comportava um desapego ao poder social e um estilo de vida na mais pura humildade.

E na relação com os anciãos, os presbíteros chefes das comunidades, Pedro diz como deveriam comportar-se os demais fiéis, com sobriedade e humildade nas relações mútuas. “(1Pd 5,5). Em tudo os fiéis são chamados a viver a santidade até a vinda do Senhor. A santidade é o modo de vida dos santos, os santos eram os batizados, assim encontramos em 2Pd 3, 11-13 como também em Tt 2,1-10.

Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade, aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça (2Pd 3, 11-13).¹⁰⁴

Os cristãos primitivos eram convocados a viver uma conduta ética diferenciada em todos os âmbitos da vida social, desde a família até o trabalho. Também nos negócios.

Na sociedade hodierna que incorporou a corrupção como coisa natural tanto nos negócios entre os pares quanto na administração pública dos bens, os cristãos devem ser o diferencial, praticando a justiça do Reino de Deus.

¹⁰² BIBLIA DE JERUSALÉM, 2002.

¹⁰³ THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos**: uma teoria do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus. 2009. p. 35.

¹⁰⁴ BIBLIA DE JERUSALÉM, 2002.

Na sociedade pluralista de hoje, o cristão se torna vulnerável a tantos outros modos de vida que a pluralidade propõe. Ele é chamado a não se desviar da regra de vida cristã.

Como filhos obedientes, não consintais em modelar vossa vida de acordo com as paixões de outrora do tempo da vossa ignorância. Antes, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver; porquanto está escrito: Sede santos, porque eu sou santo (1Pd 1,14-16).¹⁰⁵

A Didaqué fala dessa realidade daquela época que é também a realidade dos cristãos de hoje. “Se vós puderdes suportar todo o jugo do Senhor, então sereis perfeitos, mas se não for possível a vós suportardes esse jugo, façais o que poderdes fazer”¹⁰⁶

O *modus vivendi* dos cristãos primitivos pode ser sintetizado no ascetismo. Diante da realidade de desconfiança e perseguição por que passavam o maior desafio era permanecer fiéis nos valores cristãos sem cometer desvios. Animar essa vivência perseverante na comunidade era a função dos apóstolos e presbíteros.

4.2 Comunidade de comunidades: um caminho para a Igreja de Valença

A partir do final do século I e início do século II teve início uma estruturação hierárquica da Igreja. Semelhante à estrutura do tempo judaico que dividia suas autoridades religiosas em sumo-sacerdotes, sacerdotes e levitas. A Igreja se estruturou com os bispos, presbíteros e diáconos. No início do século II isso é observado apenas na igreja de Roma como indica Drane¹⁰⁷, citando a carta de Clemente de Roma.

No ano 380, por ordem do Imperador Teodósio, no Édito de Tessalônica a Igreja se torna a religião oficial do império e se estrutura pouco a pouco aos moldes do Estado Romano, hierarquizada, perdendo pouco a pouco o seu sentido original de comunidade missionária e assumindo posturas mais administrativas através das paróquias.

O Concílio de Calcedônia, em 451, aprovou as leis sobre a Constituição da Paróquia e dos direitos e deveres dos seus responsáveis, ficando

¹⁰⁵ BIBLIA DE JERUSALÉM, 2002.

¹⁰⁶ DIDAQUÉ. **Catecismo dos primeiros cristãos**. 10 ed. Vozes: Petrópolis. 2012. V, 2-VI, 2.

¹⁰⁷ DRANE, John William. **A vida da Igreja primitiva**: um documentário ilustrado. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 167.

dependentes do bispo.¹⁰⁸ São indícios de uma comunidade mais administrativa e menos missionária. O modelo original de comunidade testemunhal missionária de fé provisoriamente foi perdendo o sentido, e de forma gradual começou a se formar um modelo eclesial administrativo e de permanência estática, uma visão praticamente feudal, onde o clero se tornou como que súdito do bispo e o povo como que vassalo do seu pároco.¹⁰⁹

A Igreja foi ficando cada vez mais parecida com o Estado. Assim existe o Papa que exerce a função de chefe de Estado e representa o Apóstolo Pedro, chefe dos Apóstolos; os Bispos que representam a autoridade dos apóstolos nas dioceses e os presbíteros subordinados aos bispos.

O Concílio Vaticano II orientou a Igreja a passar de uma Igreja centrada na hierarquia para uma Igreja Povo de Deus, ministerial, onde as relações não são mais de poder, mas de serviço. E cada serviço na Igreja, independente da pessoa que o exerce, tem igual valor. “O Vaticano II projetou uma Igreja mais sinal do que poder [...] idealizou uma Igreja servidora da utopia do Reino, transformadora da ordem atual numa fraternidade universal baseada na justiça [...]”.¹¹⁰

Embora o Concílio Vaticano II tenha dado esta visão de Igreja-povo de Deus, percebe-se ainda, um forte acento na hierarquia e no ministério ordenado do bispo, do presbítero e do diácono. Em Valença houve, ao longo do tempo uma mudança significativa nos cenários da Igreja, porém percebe-se ainda um forte acento numa Igreja verticalizada, entretanto, há sinais pela práxis pastoral de uma Igreja comunidades de comunidades.

4.3 O surgimento da Igreja da Igreja das comunidades na vida paroquial do município de Valença do Piauí

A prática pastoral dos párocos de Valença do Piauí, sobretudo a partir do Pe. Nery, os sinais dos tempos, as indicações do Concílio Vaticano II corroboraram para o surgimento de uma Igreja comunidade de comunidades. O que se observa pela formação das CEBs e sua atuação, o surgimento das pastorais sociais fortes e atuantes, na formação dos conselhos pastoral e econômico, na setorização e na colegialidade entre padre e leigos nas decisões acerca do direcionamento dos trabalhos.

¹⁰⁸ MIKUSZKA, Gelson Luis. **Por uma Paróquia Missionária**. São Paulo: Paulus, 2012. p. 73-74.

¹⁰⁹ BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja perplexa: as novas perguntas, as novas respostas**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 55.

Igreja das Comunidades emergem de uma resposta aos sinais dos tempos modernos, mas também de uma releitura da Igreja Apostólica para ver como viveram os primeiros cristãos.

O documento de Aparecida afirma que “não estamos em uma época de mudança, mas, numa mudança de época”.¹¹¹ E a Igreja não pode ficar alheia a essa realidade que se processa tão rapidamente. A mudança de época que se processa na humanidade trouxe novas formas de vida em todos os âmbitos da sociedade. Segundo Mikuszka:

Esses novos tempos exigem a existência de verdadeiras comunidades missionárias cristãs, compostas por discípulos missionários, em comunhão com a igreja local consciente das riquezas culturais em que se encontram; desafios existenciais enfrentados e tantas outras dimensões que lhe conferem a particularidade e ao mesmo tempo a catolicidade, uma busca de unidade na pluralidade, onde todos possam sentir-se igreja a partir de uma pequena comunidade, presente numa realidade Paroquial: porção do Povo de Deus, dimensão local e Universal.¹¹²

Já atentam os bispos do Brasil “Porque deseja servir a Igreja, reconhece o momento histórico em que se encontra, sendo convocada a buscar caminhos para a transmissão e a sedimentação da fé, mesmo que, para isso, precise abandonar estruturas ultrapassadas que já não facilitem mais a transmissão da fé”.¹¹³

Os bispos brasileiros, quando falam sobre o estado permanente de missão que a Igreja deve assumir insistem numa mudança de estrutura que acompanhe a mudança de época pela qual passa a sociedade e favoreça a prática missionária.

[...] surge a urgência de pensar estruturas pastorais que favoreçam a realização da atual consciência missionária. “Esta deve impregnar todas as estruturas eclesiais e pastorais”, a ponto de deixar para trás práticas, costumes e estruturas que, ao corresponderem a outros momentos históricos, já não tem atualmente grandes condições de favorecer a transmissão da fé como lembra Aparecida.¹¹⁴

Antes a pastoral de massa era o grande trunfo da Igreja. Hoje a dinâmica das pequenas comunidades e dos pequenos grupos se apresenta como uma nova forma de organização da sociedade. Se de um lado observa-se o individualismo, o fechamento das pessoas no seu mundo individual ou grupal, por outro lado observa-se a busca da vivência comunitária e de formação de laços profundos de afetividade e de pertença a um grupo de pessoas com os mesmos ideais e que partilhe a vida.

¹¹¹ DOCUMENTO DE APARECIDA. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2008. n. 365.

¹¹² MIKUSZKA, 2012, p. 86.

¹¹³ DOCUMENTO DE APARECIDA, 2008, n. 365.

¹¹⁴ CNBB, DGAE, 2011, p. 34.

Há um forte incentivo dos bispos brasileiros para a criação e fortalecimento das pequenas comunidades cristãs, da superação da pastoral de massa para uma pastoral mais personalizada. Assim escrevem:

Mesmo consciente de que processos humanos e transformações de entidades não acontecem de uma hora para outra, a Igreja no Brasil se compromete em acelerar ainda mais o processo de animação e fortalecimento de efetivas comunidades, que buscam intensificar a vida cristã por meio de autêntico compromisso eclesial. A setorização da paróquia pode favorecer o nascimento de comunidades, pois valoriza os vínculos humanos e sociais.¹¹⁵

Há uma tendência de abandono das grandes estruturas para estruturas mais leves. A participação das pessoas na Igreja tem sido mais visível nas pequenas comunidades de bairros, e comunidades rurais onde estão ligadas afetivamente. O sentimento de pertença a uma paróquia centralizada é cada vez mais diminuto, pois esta, não representa mais a única forma instância evangelizadora e cada comunidade sente-se autônoma e responsável por sua própria caminhada. A pastoral parece funcionar melhor nas pequenas comunidades. A Igreja deve enveredar por esse caminho e tomar o fenômeno das pequenas comunidades como sua forma de organização.

O reconhecimento da necessidade de formação de comunidades menores é uma tarefa importante no processo de renovação paroquial. O episcopado Latino Americano, desde o Documento de Puebla, insiste na renovação, para que a paróquia se torna o centro de coordenação e de animação de comunidades, de grupos e de movimentos. Em Santo Domingo, os bispos a definiram como a rede de comunidades e movimentos que precisa ser integrada, missionária e atenta aos problemas no seu contexto. Já o Documento de Aparecida entende a paróquia como uma comunidade de comunidades, propondo a sua setorização. As Diretrizes da Ação Evangelizadora reforçam que o “caminho para que a paróquia se torne verdadeiramente uma comunidade de comunidades é inevitável, desafiando a criatividade, respeito mútuo, a sensibilidade para o momento histórico e a capacidade de agir com rapidez”.¹¹⁶

Os bispos do Brasil, aos poucos, vão percebendo que o *modus vivendi*, de ser e fazer da Igreja hoje já não responde mais às necessidades espirituais dos cristãos da modernidade. Por vezes, a Igreja continua dando respostas a perguntas que não os interessa mais. Isso pode servir como termômetro que indica a necessidade de uma mudança na sua práxis pastoral, não só na sua teologia, mas

¹¹⁵ CNBB, DGAE, n. 62.

¹¹⁶ CNBB. **Comunidade de Comunidades**: uma nova Paróquia. Brasília-DF: edições CNBB, 2013. p. 74.

também na sua organização pastoral. Aberta a uma noção de paróquia para além de um território geográfico e a uma noção de comunhão de comunidades.

Uma paróquia é comunidade de fiéis e, segundo o pensamento conciliar, faz-se mister que esteja aberta a fazer surgir outras comunidades. Valores cristãos só terão sentido se vividos em comunidade como. O Vaticano II retoma a primitiva noção de paróquia Como encontro de pessoas que formam a comunidade de fé. Cada paróquia, comunidade, porção do povo de Deus, precisa ser “comunhão de comunidades”. Assimilar essa premissa é condição básica para renovação das estruturas eclesiais em direção a uma evangelização paroquial renovada.¹¹⁷

Destarte, entendemos que a Igreja procura responder às questões que a sociedade e os cristãos anseiam para sua renovação e abertura ao mundo moderno, que vai desde a sua renovação pastoral, ou seja, revendo as suas estruturas e meios de evangelização, até a revisão da sua organização hierárquica.

Outra questão que faz com que o a Igreja repense a sua práxis e a sua estruturação, e nem mesmo o próprio Vaticano II consegue responder, é a busca de Deus pelo emocional, acentuada pela proliferação do neopentecostalismo. Para Brighenti, o institucionalismo e a intelectualização das reflexões teológicas sufocaram o emocional.

É preciso recuperar a experiência religiosa como uma experiência emocional do sagrado, valorizando o que toca o sentimento [...] Trata-se de recuperar a experiência do sagrado pelo contato imediato com o divino, sem as inumeráveis barreiras e mediações da autoridade institucional [...]. O acesso a Deus dá-se através do emocional [...]. Para essa postura, a Igreja da vaticandade apresenta uma religião pouco personalizada, com escassa experiência pessoal interior, feita de ritos e práticas muitas vezes vazias, sem alma, sem convencimento.¹¹⁸

Brighenti também apresenta dois grandes sinais dos tempos que devem ser integrados também na vivência eclesial: a consciência planetária e a descoberta das culturas. A consciência planetária entra no discurso da Igreja como mensagem de preservação da vida e de tudo que a favorece. Mas também abre precedente para uma nova forma de abertura das estruturas para o mundo universal.

A descoberta das culturas é o imperativo que leva a Igreja a tomar novos rumos na sua maneira de se colocar dentro delas deixando toda tendência de etnocentrismo, de cultura superior. A partir das culturas, o *modus vivendi* da Igreja e dos cristãos deve ser cunhado. É preciso entender que, primeiro existem as culturas dos povos que recebem a Igreja e cuja mensagem é aceita. “Às novas perguntas

¹¹⁷ MIKUSZKA, 2012, p. 91.

¹¹⁸ BRIGHENTI, 2004, p. 57.

apresenta-se o imperativo de novas respostas. Já não podemos continuar sendo os mesmos num mundo que não é mais o mesmo”.¹¹⁹

Se tratando da presença da Igreja no mundo de hoje, Brighenti elenca três tarefas ou caminhos possíveis de renovação que do ponto de vista dessa reflexão é um convite claro à Igreja para que debruce sobre si e reflita sua estrutura e seu modo de ser no mundo atual.

Em primeiro lugar, parece que, em tempos de consciência planetária e de sociedade pluralista, as novas perguntas acenam para a necessidade de uma reprojecção da missão. Trata-se de encontrar meios adequados para que a Igreja, sacramento do Reino, continue visibilizando-o na precariedade do presente. Segundo, desde a nova missão, desde onde a Igreja se autocompreende, impõe-se uma refundação identitária, na fidelidade à realidade presente e na experiência originária. Em outras palavras, o que significa, hoje, ser Igreja uma, santa, católica e apostólica, isto é, a Igreja de sempre, num mundo que se tornou diferente. Terceiro, o novo fazer, que exige um novo ser, advoga finalmente a tarefa de uma renovação institucional, capaz de dar suporte à missão e transparecer o divino, o Reino de Deus.¹²⁰

A essas pistas de renovação institucional da Igreja que Brighenti apresenta, tem a proposta de que a Igreja no âmbito da missão se transforme numa Igreja de pequenas Comunidades, no âmbito institucional, no âmbito da mensagem evangélica, a insistência na pregação do Reino de Deus com ênfase na promoção da vida e tudo que para ela concorre: dignidade humana, justiça social, etc.

4.4 A estrutura eclesiológica da paróquia como rede de comunidades

O modelo paroquial tradicional não responde mais às exigências de hoje. Ele precisa de uma renovação, pois as mudanças da realidade exigem uma nova organização articulada em pequenas comunidades com maior possibilidade de manter vínculos entre seus membros e uma melhor vivência de sua fé.

É preciso olhar para o futuro da Paróquia, como comunidade de comunidades, com esperança de vencer o vazio e o deserto de muitas pessoas. A crise de valores é notável. E, apesar de o Brasil ter muita expressão de religiosidade, também aqui se percebe o quanto a fé não decide mais o destino da vida social e da pessoal. Vive-se um tempo de buscas, mas com base em decisões privadas de referência da Fé.¹²¹

¹¹⁹ BRIGHENTI, 2004, p. 12.

¹²⁰ BRIGHENTI, 2004, p. 12.

¹²¹ CNBB, 2013, p. 104.

O que deve funcionar são as pequenas Comunidades. Comunidades onde os fiéis estejam ligados afetivamente a elas e nelas possam se formar na escuta da Palavra e na promoção do Reino de Deus.

Para que haja um melhor funcionamento da paróquia como comunidade de comunidades, ela precisa ser descentralizada, toda ministerial e de comunhão. Segundo Boff, “a comunhão constitui a palavra-chave do mistério de cristão e da realidade teológica da Igreja”.¹²² Para ele, a comunhão esta na raiz da comunidade e torna a Igreja, uma Igreja de ministros e de ministérios que a experenciam na colegialidade.¹²³

O ser comunitário é o próprio ser mais profundo da Igreja. O caráter colegial designa o operar desse ser comunitário. A colegialidade designa a Igreja-comunhão-comunidade em ação, todos assumindo suas tarefas (carismas) de forma corresponsável “em vista do bem comum”.¹²⁴

Entendida desta forma, a comunhão-colegialidade, na comunidade torna todos seus membros corresponsáveis para que a comunhão com Deus se traduza na comunhão com os irmãos e as irmãs.

Assim ninguém na comunidade é passivo e mero beneficiário dos dons divinos; por causa da comunhão cada um é ativo e criador da substância da comunidade na medida em que se insere na comunidade de fé e a expande de dentro da sociedade.¹²⁵

É mais evangelizador unir o relacionamento pessoal intimista do cristão de hoje com a vida comunitária na comunidade pequena, que nas grandes estruturas paroquiais onde a massa não se relaciona com seu presbítero nem com seus irmãos e muito menos entra na dinâmica vivencial da comunidade paroquial. Privilégio de um pequeno grupo de coordenadores de pastorais e movimentos, os que estão mais perto do padre e da organização paroquial. O sistema de Igreja sinagoga¹²⁶, Igreja pequenas Comunidades, parece favorecer melhor a evangelização de pequenos grupos que no todo se tornarão uma grande massa evangelizada e evangelizadora.

¹²² BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese**: a reinvenção da Igreja. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 113.

¹²³ BOFF, 2008, p. 116.

¹²⁴ BOFF, 2008, p. 115.

¹²⁵ BOFF, 2008, p. 114.

¹²⁶ Sinagoga: lugar fora do templo onde os judeus se encontravam para a oração e estudo da Torah. Em Israel servia também como lugar de hospedagem para judeus da diáspora em peregrinação para Jerusalém (cf. STEGEMANN, Ekkehard W; STEGEMANN, Wolfgang. **Historia social do protocristianismo**. São Paulo: Paulus, 2004. p. 293). Por diferenciar-se do Templo (que representa o centro do poder) Aqui está sendo utilizada para denominar as pequenas comunidades.

Uma Igreja rede de Comunidades redimensionará o ministério do presbítero. Com comunidades de leigos maduros e bem organizados caberá ao presbítero a função de animador carismático e despenseiro dos dons dos sacramentos.

Isso exigirá que o padre seja formado para ser o servidor do seu povo; que o padre seja, cada vez mais, aquele que se coloca como o Mestre e lava os pés dos discípulos para dar o exemplo. Será fundamental acolher bem as pessoas, exercer sua paternidade espiritual sem distinções, renovando sua espiritualidade para ajudar tantos irmãos e irmãs que buscam a paróquia. Desse modo, com uma nova postura, estará mais disponível para ir ao encontro de tantos sofredores que nem sempre são bem acolhidos na sociedade. A paróquia há de fazer a diferença no atendimento, começando pelo padre. Paróquia entendida como comunidade de comunidades, requer uma figura de pastor que, sobretudo, cultive profunda experiência de Cristo vivo, com Espírito missionário, coração paterno, que seja animador da vida espiritual evangelizador, capaz de promover a participação.¹²⁷

Ele não mais carregará o peso da estrutura paroquial com enorme quantidade de comunidades dependentes que não evangelizam com o testemunho. Ademais esse sistema tornará o presbítero bem mais próximo de seus fiéis e mais disponível para assistir espiritualmente suas comunidades.

4.4.1 Uma Igreja ministerial

Para uma reflexão mais justa sobre esse tema, faz-se necessário uma compreensão mais do seja ministério. Estes devem ser interpretados como sendo dons do Espírito Santo dados para toda Igreja constituída pela fé, pela missão ou pelo serviço diante da chegada do Reino de Deus.¹²⁸

Infelizmente, houve historicamente uma supervalorização do ministério ordenado e por isso os outros ministérios na Igreja são vistos como de suplência e secundários e são exercidos extraordinariamente, ou seja, para “para suprir” a ausência do ministro ordenado.

Isso levou a CNBB há uma interrogação: se estas ações, típicas do ministério ordenado, podem ser exercidas, do ponto de vista teológico, por um leigo habilitado em virtude do seu batismo, por que não pensar em uma reorganização mais ousada dos ministérios eclesiais, a fim de que estes se tornem verdadeiros ofícios e com responsabilidade própria e não simplesmente suplência?

A valorização destes outros ministérios que podem ser confiados aos leigos, tanto na esfera *ad intra*, como, e também, principalmente, em nível *ad extra*, traz um grande significado e fortalecimento para toda a comunidade

¹²⁷ CNBB, 2013, p. 83.

¹²⁸ KUZMA, César. **Leigos e Leigas**: força e esperança da Igreja no mundo. São Paulo: Paulus, 2009. p. 95.

eclesial. Faz com que se recupere o dinamismo presente na Igreja Primitiva. Quando isso não ocorre, há um pensamento contrário à doutrina cristã neotestamentária, que trata como obra do Espírito a diversidade de dons e carismas, que devem ser usados de maneira conjunta para edificação de toda a Igreja (1Cor 12,4-11)¹²⁹

Não estamos no período da cristandade, o mundo é cada vez mais plural, secularizado e dividido culturalmente tornando a missão da igreja mais complexa. Há um novo paradigma que afeta muitas estruturas incluindo a Igreja. Só dando mais lugar e legitimidade aos ministérios dos leigos que ela se tornará evangelizadora.

4.4.2 Uma pastoral de inclusão

Brighenti diz que Aparecida constatou que os fiéis de hoje buscam comunidades cristãs onde sejam acolhidos fraternalmente e se sintam valorizados, visíveis e eclesialmente incluídos. Olhando hoje a realidade das paróquias e da pastoral de massa, constata-se que isso só é possível acontecer nas pequenas Comunidades Cristãs. Nelas, os fiéis se sentirão realmente membros da comunidade eclesial e se tornarão corresponsáveis por ela, permitindo maior compromisso, sentimento de pertença e entrega.¹³⁰

Aparecida corrobora com a ideia de uma Igreja formada de Comunidades quando diz que a comunidade é um dos lugares privilegiados do encontro com Deus.¹³¹ O Documento de Aparecida (n. 178) citando as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) diz que as pequenas Comunidades constituem o núcleo inicial da estrutura da Igreja. A vivência da fé se dá na comunidade pequena no meio da igreja local, a diocese. O discipulado e a missão supõem a pertença a uma Comunidade. A diocese é chamada a ser um grande conjunto de comunidades, assim as paróquias devem valorizar mais a pastoral das pequenas comunidades otimizando a variedade de carismas e ministérios.

Depois de Aparecida a expressão: paróquia, comunidade de comunidades vem sendo refletida por muitos eclesiásticos e tem sido assunto de conferências do episcopado. Há um interesse geral de se revisar a estrutura paroquial da Igreja que não responde mais às exigências de hoje.

¹²⁹ KUZMA, 2009, p. 96.

¹³⁰ DOCUMENTO DE APARECIDA, 2008, n. 226b.

¹³¹ BRIGHENTI, 2004, p. 12.

Apontou-se que a estrutura paroquial, no modo como está a, desfavorece a missionariedade. A Igreja é um organismo Universal e muitas mudanças são de competência da sua universalidade, mas é razoável postular uma reestruturação na paróquia, para que esta seja missionária e, a partir dela, toda a igreja, como propõe Aparecida (cf. DAp 304-313).¹³²

Porém, as iniciativas e as perspectivas de uma mudança radical desse sistema ainda são muito tímidas. Outro ponto que a comunidade de comunidades possibilita com mais propriedade a do sentido de pertença à Igreja e através dessa pertença o “Um dos maiores desafios consiste em iluminar, com a Boa Nova, as experiências nos ambientes marcados por aguda urbanização, para os quais a vizinhança geográfica não significa necessariamente convívio, afinidade e solidariedade”.¹³³

Os bispos descrevem em linhas gerais na DGAE as características hodiernas da vida cristã que levam a justificar o surgimento de uma Igreja Comunidade de Comunidades. Constatam os bispos que desde a origem o povo de Deus vive sua fé na comunidade. A dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja. Sem vida comunitária a proposta cristã do Reino de Deus é inviável, pois “a comunidade acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta”.¹³⁴

Junto à tendência ao individualismo da sociedade de hoje, constata também os bispos que cresce a busca por vida comunitária, ressaltando a importância da vida fraterna. É justamente essa tendência da sociedade hodierna que a Igreja deve atender e dar um passo à frente na evangelização. Também os bispos perceberam já a existência de comunidades cristãs transterritoriais e afetivas que é a proposta dessa reflexão.

A DGAE no número 58 cita o termo rede de comunidades quando fala da busca atual de Jesus na vida comunitária.

A busca sincera por Jesus Cristo faz surgir a correspondente busca por diversas formas de vida comunitária. Articuladas entre si, na partilha da fé e na missão, estas comunidades se unem, dando lugar a verdadeiras redes de comunidades. Entre elas encontram-se outras formas de novas comunidades, cada uma vivendo seu carisma, assumindo a missão

¹³² MIKUSZKA, 2012, p. 126.

¹³³ CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil 2011-2015**. 2 ed. Brasília: Edições CNBB, 2011. n. 59.

¹³⁴ DGAE, n. 56.

evangelizadora de acordo com a realidade local e se articulando de modo a testemunhar a comunhão na pluralidade.¹³⁵

Apesar de serem citadas aqui as CEBs tal como são compreendidas hoje não é o modelo de Igreja que essa reflexão propõe. Esta reflexão propõe um passo a mais na estrutura da Igreja.

Não se trata de continuar com a mesma estrutura caduca atual de paróquias e acolher paralelamente as comunidades afetivas e CEBs na Igreja. A proposta é que a Igreja se torne de fato toda ela uma Igreja de Comunidades, sem rótulos separatistas que minimizam as diversas experiências cristãs na Igreja.

As CEBs aqui são citadas como protótipo de uma Igreja de comunidades e por se apresentarem mais próximas do ideal das comunidades da Igreja dos Apóstolos. Das CEBs sim se pode tirar elementos para a nova organização pastoral das comunidades tais como a leitura comunitária da Palavra, a vida fraterna, a frequente celebração da Eucaristia e o envolvimento de seus membros nas causas sociais.

Segundo Aparecida, as CEBs resgatam a experiência das primeiras comunidades, conforme os Atos dos Apóstolos. Elas permitem ao povo chegar a um conhecimento maior da palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos. São fonte e semente de diversos serviços e ministérios, em favor da vida, na sociedade e na Igreja.¹³⁶

Outrossim, numa Igreja de comunidades estes aspectos aparecerão naturalmente. E naquelas comunidades onde isso não ocorrer existirão tantas outras experiências de fé e vida cristãs igualmente válidas para a construção do Reino de Deus na terra.

Não se pretende criar um modelo par e par de comunidades cristãs que seja regra universal para toda a Igreja. Por isso, a apresentação das CEBs como um modelo eficaz e válido e não como o modelo ideal, assim também como os modelos carismáticos. Importa aqui as comunidades cristãs com suas características peculiares formando a Igreja de Deus em missão.

Num mundo plural, não se pode querer um único modo de ser comunidade. O Espírito sopra onde quer e nenhuma concretização comunitária possui o monopólio da ação deste mesmo Espírito. Nenhuma deve chamar para si a primazia sobre as demais, pois todos os membros do corpo possuem igual valor (1Cor 12,12ss). A comunidade eclesial deve abrir-se para acolher

¹³⁵ CNBB, DGAE, n. 57.

¹³⁶ BRIGHENTI, 2008, p. 47.

dinamicamente os vários carismas, serviços e ministérios. De cada uma dessas comunidades, exige-se que sejam alicerçadas na palavra de Deus, celebrem e vivam os sacramentos, manifestem seu compromisso evangelizador e missionário, principalmente com os afastados, sejam solidárias com os mais pobres.¹³⁷

Nesse aspecto os bispos destacam as CEBs: “No caminho em busca de vida comunitária, constata-se a presença das comunidades eclesiais de base, as CEBs, que, alimentadas pela Palavra, pela fraternidade, pela oração e pela Eucaristia, são sinal, ainda hoje de vitalidade da Igreja. É também presença eclesial junto aos mais simples, partilhando a vida e com ela se comprometendo em vista de uma sociedade justa e solidária”.¹³⁸

Não se percebe na DGAE por parte dos bispos nenhuma indicação de que se deva acabar com as paróquias. O que os bispos orientam é que as paróquias se tornem uma comunidade de comunidades ou se tornem mais comunitárias dentro de seu território e estejam atentas à realidade das experiências de comunidades existentes nelas.¹³⁹

Esta reflexão quer ir mais longe, quer dar um passo à frente dos bispos sugerindo uma Igreja organizada em redes de comunidades. “A renovação das paróquias no início do terceiro milênio exige a reformulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão”.¹⁴⁰

4.5 A mensagem profética da Paróquia como rede de comunidades

O Reino de Deus deve continuar sendo a grande mensagem da Igreja das Comunidades. Ela deve anunciar e testemunhar a fraternidade, a partilha dos bens com os necessitados e a promoção da dignidade humana. Essas devem ser as suas maiores preocupações. Fazendo assim estará retomando o projeto inicial dos primeiros cristãos, indo contra a tendência da sociedade contemporânea da segregação e do individualismo. Aproximando Cristo mais das pessoas, pois ele não abandonou a sua Igreja e como na Igreja Apostólica a sua presença é sentida também hoje. Para tanto, urge a necessidade de uma transformação da estrutura

¹³⁷ CNBB, DGAE, n. 61, p. 58.

¹³⁸ CNBB, DGAE, n. 60.

¹³⁹ CNBB, DGAE, n. 62.

¹⁴⁰ DAp, n. 172.

paroquial vigente numa comunidade de comunidades. Necessário se faz desconstruir aquele velho conceito de paróquia e sua estrutura, de tal maneira que ela possa ser um espaço geográfico, mas uma casa da Palavra, casa do pão, casa da caridade.

A ação missionária da Igreja nos primeiros séculos do cristianismo era a comunidade cristã. A grande expectativa dos primeiros cristãos era iminente segunda vinda de Cristo, por isso viviam num clima de bastante fervor da fé, numa realidade escatológica.

Era uma dinâmica de vida voltada à valores transcendentos tão profundos, que eu verbo *paroiken* e o substantivo *paroikia* caracterizavam o estado de passagem da comunidade para uma realidade além da história . *Paroikia* não é uma forma ou delimitação de Igreja, mais um estado de comunidade e se sente "estrangeira" neste mundo à espera de outro.¹⁴¹

Com o passar do tempo, desenvolveu-se a noção de Igreja doméstica, que Paulo denomina *ekklesia*, assim a estrutura de comunidade nos tempos primitivos estava ligada a casa. A CNBB, no documento 104, fomenta a toda Igreja do Brasil a resgatar essa primitiva noção de Igreja como casa, pretendendo com isso trazer para dentro da paróquia a noção de lar, de aconchego, de referência, de lugar de encontro e fraternidade.

A paróquia pode e deve ser essa casa. Isso implica uma maior abertura das paróquias para os desafios de nossa época, considerando a realidade despersonalizante, especialmente nos grandes centros urbanos. A paróquia como casa é o local onde se houve a convocação feita por Deus, em Cristo, para que todos sejam um e vivam como irmãos.¹⁴²

A paróquia como casa da palavra. O será quando for atraída pela voz do seu Senhor, que convida aos seus a uma caminhada de discípulos que acolhem e põem em prática o que escutam. A paróquia como casa do pão chama a atenção ao valor que deve dar à eucaristia que é a fonte da vocação e da missão, pois a partir dela, cada comunidade chegará a fomentar sinais solidários e o compromisso de cada batizado em promover a caridade social. A paróquia como casa da caridade que é decorrência concreta da experiência com palavra e a eucaristia, pois, o cristão não pode viver a sua relação com deus prescindindo da sua relação com o próximo.¹⁴³

¹⁴¹ ALMEIDA, 2009, p. 26.

¹⁴² CNBB, 2013, p. 43.

¹⁴³ CNBB, 2013, p. 43-46.

A caridade e a solidariedade fraterna deve ser o distintivo das pequenas comunidades cristãs identificada na assistência aos desprovidos dos bens essenciais e de sua dignidade humana.

É preciso repensar, nesse contexto, como transformar as estruturas a partir de uma conversão pastoral de toda a Igreja e como superar as estruturas obsoletas de pastoral dando lugar a uma “Igreja nova”.

Já não podemos continuar sendo os mesmos no mundo que não é mais o mesmo.¹⁴⁴ Se a realidade sofreu mudanças, é preciso mudar também os caminhos para sua evangelizadora. Mecanismos que deram certo em outros momentos históricos, com resultados eficazes, podem não ser mais úteis para transmitir ou sustentar a fé nos tempos atuais (cf. DGAE 25).¹⁴⁵

Quando falamos aqui de transformar as estruturas não pretendemos implodir a Igreja, se trata de uma adequação à nova realidade dada a emergência de novos contextos que por sua vez representam novos desafios. O mundo hoje é plural e complexo. A democratização da informação, o acesso à cultura tirou o ser humano da margem do conhecimento. Todos querem o direito de opinar de participar das decisões. Por isso, não se sustenta mais uma Igreja verticalizada centrada na hierarquia, os leigos querem ser protagonistas também nas decisões.

A sociedade atual vive na interatividade. As pessoas participam, opinam e se posicionam sobre as diferentes realidades do mundo. A conversão Pastoral supõe considerar a importância dos processos participativos de todos os membros da comunidade. Para desencadear essa participação, é preciso estimular o funcionamento dos conselhos comunitários e paroquiais de pastoral, bem como a assembleia paroquial.¹⁴⁶

O Documento de Aparecida diz que é urgente abandonar as estruturas ultrapassadas que não favorecem a transmissão da fé.¹⁴⁷ A conversão pastoral, portanto, é uma necessidade da própria realidade que mudou. Ainda assim, observa-se que na paróquia a mentalidade medieval mantida pela doutrinação, a autoridade clerical e o fechamento eclesial ainda é presente, segundo Mikuszka:

Essa mentalidade agrava a crise, pois inibe respostas às perguntas e anseios do mundo atual. Num mundo que perdeu a necessidade de legitimação religiosa, regido por rápidas e constantes mudanças, é inconcebível uma mentalidade eclesial, doutrinária, fechada, autoritária e uniforme. Não será missionária a paróquia que ficar confinada na sacristia,

¹⁴⁴ BRIGHENTI, 2004, p. 12.

¹⁴⁵ MIKUSZKA, 2012, p. 126.

¹⁴⁶ CNBB, 2013, p. 88.

¹⁴⁷ DOCUMENTO DE APARECIDA, 2008, n. 369.

fingindo que a realidade é a mesma do passado e indiferente as mudanças e novos fenômenos sociais.¹⁴⁸

A igreja comunidade de comunidades estará também bem mais ao lado do pobre e será deles a voz, defendendo o direito e a justiça.

¹⁴⁸ MIKUSZKA, 2012, p. 127.

5 CONCLUSÃO

Percebemos o quanto a Igreja ganhou a partir da abertura dialógica com a história e o mundo. Ao conhecer a trajetória da paróquia Nossa Senhora do Ó e Conceição de Valença, seus cenários, pastores e obras, podemos enxergar um pouco de cada comunidade paroquial que se põe a caminho, sem medo de se desinstalar, deixando-se levar pelo sopro do Espírito Santo que areja e renova os ambientes empoeirados da Igreja de Cristo desde o Concílio Vaticano II.

São João XXIII, o “Papa Bom”, afirmou inspiradamente em seu discurso inaugural do Concílio: “Quanto ao tempo presente, a Esposa de Cristo prefere usar o remédio da misericórdia em vez de abraçar as armas do rigor; ela pensa que se deve ir ao encontro das necessidades atuais, expondo mais claramente o valor do seu ensino, em vez de condená-lo”. Em seguida acrescentou: “A Igreja Católica, enquanto, com este Concílio Ecumênico, levanta a tocha da verdade católica, quer se mostrar mãe amorosíssima de todos, benigna, paciente, movida por misericórdia e bondade rumo aos filhos dela separados. À humanidade conturbada por tantas dificuldades, ela diz, como Pedro já disse àquele pobre que lhe pedira esmolas: ‘Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, caminha’”.

Passados 59 anos após a abertura deste grande marco eclesial do século XX, podemos ver grandes avanços, embora haja ainda barreiras *ad intra*. Especialmente no território da América Latina, os padres conciliares encontraram solo fértil para semear as diretrizes que orientariam a ação da Igreja a partir de então, e muitos frutos do *aggiornamento* puderam ser colhidos. A compreensão e acolhida da opção preferencial pelos pobres, a TDL e as CEBs podem ser apontadas como bons resultados da abertura do coração da igreja latino-americana que aspirava por libertação, imersa numa realidade sofrida de pobreza, injustiça e autoritarismo. Vimos florescer a participação litúrgica ativa dos leigos, a consciência missionária, a inculturação do anúncio do Evangelho dentre tantas mudanças estruturais que demonstraram ser possível reconstruir a Igreja de Cristo necessitada de reparos, como diz o chamado do crucifixo de São Damião ao jovem Francisco de Assis.

Tudo isso reacendeu a chama da esperança, reavivou o anseio por uma Igreja mais participativa, inclusiva e fraterna, desapegada de excessos hierárquicos, rubricismos e de tudo aquilo que entrava a comunicação da mensagem cristã ao mundo hodierno, sedento de sentido. A proposta das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 aponta novos rumos para chegarmos a uma configuração de rede. Rede de comunidades em que todos e todas se sintam em família, cada um servindo sem a pretensão de ser servido, onde a Palavra, a Eucaristia, a caridade e a missão são os pilares do edifício eclesial feito de pedras vivas, Povo de Deus a caminho.

Mas para alcançar esse objetivo, é preciso coragem e perseverança. Pela trajetória da igreja em Valença, iniciada no século XVIII, depreendemos que não é da noite para o dia que as mudanças se fazem. Do plantio para a colheita, há um longo e belo processo de cuidado para que os frutos surjam abundantemente. Na cidade de Valença, o pastoreio de Padre Marques e o de tantos outros sacerdotes que por lá passaram são exemplos de entrega na fé e compromisso com o rebanho. Dentro de sua ambiência e período próprios, eles souberam auxiliar nas necessidades dos fiéis de seu tempo, acompanhando os desafios que iam surgindo sem se tornar alheios a eles.

É preciso lançar as redes para águas mais profundas. É chegado o tempo de, como igreja, membro vivo do Corpo de Cristo pelo sacramento do Batismo, assumirmos nossa missão de sal da terra e luz do mundo, como discípulos-missionários semeadores da vida em plenitude. Através da ministerialidade, sinodalidade e fraternidade seremos, de fato, Igreja encarnada, que toca a carne e tantas chagas trazidas pelos homens e mulheres dos diversos povos pela linguagem do amor.

É necessário também nos voltar para as fontes. As DAEIB 2019-2023, ao retomar o modelo de comunidade cristã primitiva de Atos dos Apóstolos, nos oferece uma oportuna inspiração para direcionar nosso questionamento: o que fazer agora?: "Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus bens, e dividiam-nos por todos, segundo a necessidade de cada um. Unidos de coração, frequentavam todos os dias o templo. Partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração" (At 2, 44-46).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e editada. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis. **CEBS: A que ponto estão e para onde vão.** São Paulo: 1997.

BOFF, Leonardo. "A salvação nas libertações: o sentido teológico das libertações sócio-históricas." In **Da libertação: o sentido teológico das libertações sócio-históricas**, por Leonardo Boff e Clodovis Boff, 9-65. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz: desafio para o século XXI.** Petrópolis: Vozes, 2009. 365p.

BOFF, Leonardo. **Igreja, Carisma e Poder.** Petrópolis; Vozes; 1981.

BOFF, Leonardo. **Igreja, Carisma e Poder.** Petrópolis; Vozes; 1982.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação.** 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 1986.

BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja perplexa: as novas perguntas, as novas respostas.** São Paulo: Paulinas, 2004.

BROWN, Raymond E. **As igrejas dos apóstolos.** São Paulo: Paulinas, 1986.

CARMO, Maria do Carmo; JÚNIOR, João Ferreira. A leitura popular da bíblia e seu impacto na renovação da catequese na América Latina. **Interações: Cultura e Comunidade**, vol. 13, núm. 24, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mar-set. 2018.

CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. A leitura popular da bíblia e a V Conferência do CELAM. **Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil.** v. 1, n. 25, p. 76-109, ano XI, janeiro/abril, 2007.

CNBB. **Comunidade de Comunidades: uma nova Paróquia.** Brasília-DF: edições CNBB, 2013.

CNBB. **Comunidades eclesiais de base no Brasil: Experiências e perspectivas.** São Paulo: CNBB, 2014.

CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil 2011-2015.** 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2011.

CNBB. **Igreja, Comunidade de Comunidades: experiências e avanços.** Agenor Brighenti; Brenda Carranza (Org.). Brasília: Edições CNBB, 2009.

COUTO, Márcia Thereza. Na trilha do gênero: pentecostalismo e CEBs. **Estudos Feministas**, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 357-369, jul. 2002. Semestral.

DARIVA, Noemi. **Conclusões da Conferência de Puebla**: evangelização no presente e no futuro da América Latina/Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2004 (coleção Sal da Terra).

DIDAQUÉ. **Catecismo dos primeiros cristãos**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. V, 2-VI, 2.

DOCUMENTO DE APARECIDA. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

DRANE, John William. **A vida da Igreja primitiva**: um documentário ilustrado. São Paulo: Paulinas, 1985.

DUNN, James D. G. **Unidade e Diversidade no Novo Testamento**: um estudo das características dos primórdios do cristianismo. São Paulo: Academia Cristã, 2011.

GEBARA, I; LUCCHETTI, M.C. Bingemer. “**María**”, in **Mysterium Liberationis I** (a cura de I. Ellacuria e J. Sobrino; Madrid, 1990) p. 601-618.

GUARIZA, Maria Nadia. O fazer-se mulher em comunidade: uma “matemática muito sensível”. **Rev. Pristis. Prax. Pastor**. Curitiba. v. 4, n. 1, p. 19-31, jan/jun 2012.

JÚNIOR, Francisco De Aquino. Atualidade da teologia da libertação. **Theologica Xaveriana** - V. 61, N. 172 (397-422), Julio-Diciembre 2011. Bogotá, Colômbia.

KUZMA, César. **Leigos e Leigas**: força e esperança da Igreja no mundo. São Paulo: Paulus, 2009.

LEORATO, Pe. Massimiliano. **CEBs**: Gente que se faz gente na Igreja. São Paulo: Paulinas, 1987.

LIBÂNIO, J. B. **Cenários da igreja**. São Paulo: Loyola, 1999.

LIBÂNIO, João Batista. **Cenários da Igreja**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LIBÂNIO, J. B; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia**: perfil, enfoques, tarefas. Ed. 4. São Paulo: Loyola, 1996.

LICHEWITZ, L. **Participante das CEBs**, Curitiba, 16 dez. 2008. 1 arquivo (110 min). Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza.

LOBINGER, Fritz. **Padres para amanhã**: uma proposta para comunidades sem eucaristia. São Paulo: Paulus, 2007.

MIKUSZKA, Gelson Luis. **Por uma Paróquia Missionária**. São Paulo: Paulus, 2012.

MOREIRA, Heleno. **A Eclesialidade das CEBs no Ensino do Concílio Vaticano II e do CELAM**. Teresina: Halley, 2009.

PADIN, Dom Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo; CATÃO, Francisco. **Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?** 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1998.

ROPS, Daniel. **A Igreja dos Apóstolos e mártires**. 2. Ed. Porto: Tavares Martins, 1960.

STEGEMANN, Ekkehard W; STEGEMANN, Wolfgang. **Historia social do protocristianismo**. São Paulo: Paulus, 2004.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. **A gênese das CEBs no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1988.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2009.

WAND, J. W. C. **História da Igreja Primitiva: até o ano 500**. São Paulo: Custom, 2004.

ZAVAREZ, Maria de Lourdes. **Celebração da Palavra e protagonismo feminino**. 2016. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1091365/2016/11/celebracao-da-palavra-e-protagonismo-feminino/>>. Acesso em: 28 jul. 2019.